

Mariangela de Azevedo

Possibilidades pedagógicas:  
imagens em uma Geografia  
Escolar antirracista





**Possibilidades pedagógicas:  
imagens em uma Geografia  
Escolar antirracista**

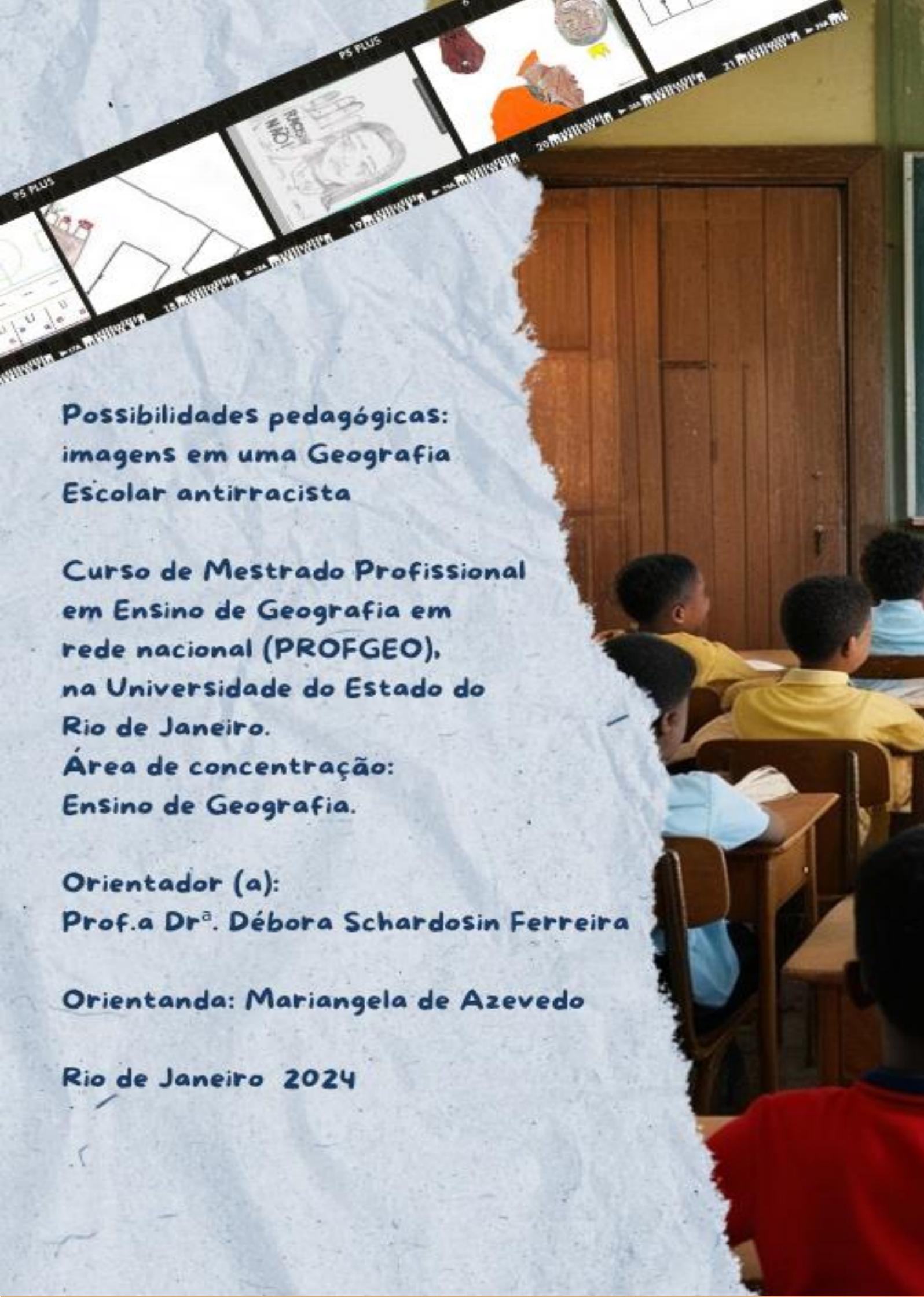
**Curso de Mestrado Profissional  
em Ensino de Geografia em  
rede nacional (PROFGEO),  
na Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro.**

**Área de concentração:  
Ensino de Geografia.**

**Orientador (a):  
Prof.a Dr<sup>a</sup>. Débora Schardosin Ferreira**

**Orientanda: Mariangela de Azevedo**

**Rio de Janeiro 2024**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Azevedo, Mariangela de

Possibilidades pedagógicas [livro eletrônico]:

imagens em uma geografia escolar antirracista /

Mariangela de Azevedo, Débora Schardosin Ferreira.

-- Rio de Janeiro: ProfGeo-UERJ, 2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-83703-06-4

1. Educação 2. Educação antirracista

3. Geografia - Estudo e ensino 4. Prática pedagógica

I. Ferreira, Débora Schardosin. II. Título.

25-276091

CDD-910.7

**Índices para catálogo Sistemático:**

1. Geografia: Estudo e ensino: Prática de ensino

910.7

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



## DESCRIÇÃO TÉCNICA

**Título:** Possibilidades pedagógicas: imagens em uma Geografia Escolar antirracista

**Autor:** Mariangela de Azevedo

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Schardosin Ferreira

**Público Alvo:** Professores de Geografia ou de outras áreas da educação básica

**Origem do Produto Educacional:** Dissertação de Mestrado Profissional: “Professora, vai ter filme hoje?”: as imagens com a Geografia Escolar em uma pedagogia antirracista

**Objetivo do Produto Educacional:** O Recurso Educacional é uma sequência didática que surgiu no início das pesquisas para a dissertação do Mestrado Profissional em Geografia. O trabalho possui dispositivos para uma pedagogia antirracista na geografia escolar e procura o olhar mais crítico dos alunos em relação ao lugar onde moram. As dinâmicas apresentadas no Recurso se inspiraram na pesquisa de (Bauermann; Fantínel, 2013). A partir de imagens observadas nas fotografias do Projeto Favelagrafia, foram desenvolvidas etapas com a participação dos alunos em contribuição ao Recurso Educacional.

**Programa de Ensino:** Pós-Graduação em Ensino de Geografia (PROFGEO)

**Instituição:** Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

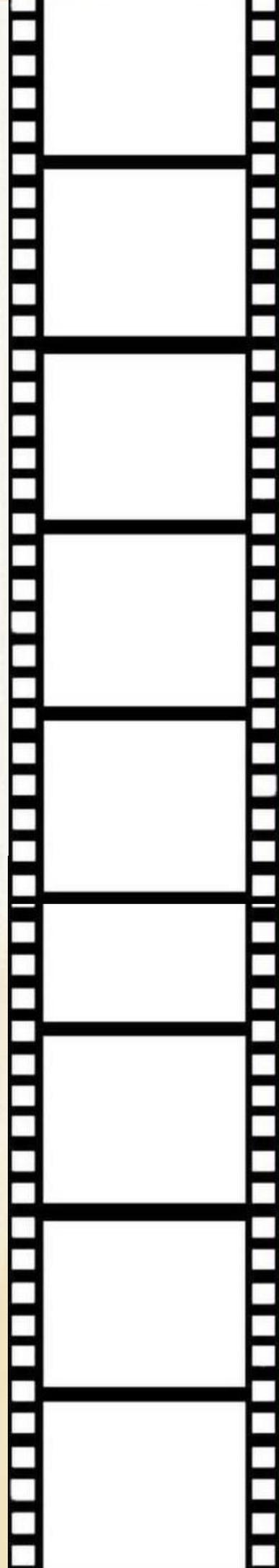
**Área de conhecimento:** Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

**Localidade:** Duque de Caxias – RJ

**Palavras-chave:** Geografia escolar; jovens; imagens; racismo; favela.

# ÍNDICE

Hoje não terá filme.....	p. 4
Objetivo geral .....	p. 5
Observação das fotografias .....	p. 6
Imagens do acervo Favelagrafia .....	p. 9
Realidades do lugar onde vivem .....	p. 14
Vivências no lugar onde moram .....	p. 15
Alguns desenhos realizados.....	p. 16
Fotografias do lugar .....	p. 21
Fotografias dos alunos.....	p. 23
Debate e filmagens.....	p. 36
Processo de (re) criação dos dispositivos.....	p. 38
Roda de conversa e avaliação da produção .....	p. 40
Análise da produção dos alunos .....	p. 42
Pontos positivos e negativos .....	p. 42
Atividades extras/ Primeira atividade.....	p. 51
Imagens recebidas dos alunos.....	p. 52
Análise docente .....	p. 57
Segunda atividade: Construção de maquetes....	p. 59
Imagens das maquetes construídas .....	p. 60
Terceira atividade: Audição da música.....	p. 64
Música: O Meu Lugar.....	p. 65
Referências .....	p. 66



## HOJE NÃO TERÁ FILME...

### Mas teremos uma Geografia Escolar antirracista e sobre as favelas como recurso educacional

O recurso foi pensado a partir da atividade realizada em sala de aula com a confecção de maquetes sobre favelas em uma escola estadual no município de Duque de Caxias – RJ. As favelas representadas pelos alunos, dialogavam com as favelas do município do Rio de Janeiro, o que foi estranho por ser muito distante de suas realidades representadas. No entanto, o espaço onde muitos dos alunos moram, é uma área plana na cidade de Duque de Caxias, com quintais e ruas largas que não se parecem com a maioria das favelas cariocas. Outra questão aparente nesse aspecto da favela é o recorte racial muito destacado em seus cotidianos, com a marcante presença de moradores negros. Portanto, para entender essa dinâmica e como se relacionam com esse espaço, segue a proposta do Recurso Educacional.

A problemática que deu origem a este processo de pesquisa para o recurso é que existia uma narrativa pejorativa entre os alunos sobre os moradores da favela, apelidada por “favelinha”, principalmente pelos que moram fora dela e se consideram como os que moram em áreas “melhores”. Sendo que estão no mesmo bairro. Contudo, reconheço algumas dificuldades para os que moram mais afastados da área central da favela. Pois, mesmo sendo a mesma favela, se diferenciam entre algumas dificuldades enfrentadas por uns e mais facilidades por outros. Como por exemplo: os que moram mais próximos da entrada têm acesso mais rápido aos comércios, transportes, escolas, posto de saúde, dentre outros serviços.

Metodologicamente, o recurso recriou através das pistas que surgiram no processo de pesquisa docente, um dispositivo para uma pedagogia antirracista na geografia escolar e um olhar mais crítico em relação ao lugar onde vivem. De modo que a compreensão dos dispositivos de cinema no recurso educacional e andamento da pesquisa foi de relevante importância na composição e amadurecimento do processo das atividades realizadas com os alunos. Assim Migliorin; et. al. (2016), representa o conceito, definindo o que é dispositivo:

“Diria que o mais importante da noção era a ideia da criação de regras que colocavam uma certa situação em crise e demandavam gestos de criação. Um dispositivo era assim normalmente feito com poucas e objetivas regras que gerariam um grande descontrole, uma abertura para o acaso. Em outras palavras, o dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. Ele pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes; e outra de absoluta abertura, dependente da ação dos atores e de suas interconexões” (Migliorin, 2015. p. 78).

Ainda sobre os dispositivos, podemos destacar: *“Trata-se de uma escolha que estabelece limites antes da captação ou da apropriação de qualquer imagem. Essa escolha irá contaminar todas as opções que se colocarem dali para frente”*. (Migliorin; et. al., 2016, p. 46).

O formato do trabalho foi inspirado na pesquisa de (Bauermann; Fantínel, 2013). O recurso segue com o objetivo de despertar um outro olhar sobre a favela e as questões raciais nos alunos. Desta forma, o trabalho tem a proposta de levantamentos e análises críticas do racismo estrutural e institucional vividos e arraigados na sociedade a partir das realidades local vivenciadas por eles. Embora muito venha sendo pensado e trabalhado sobre o assunto, a dinâmica a seguir é uma proposta a ser realizada em sala de aula com alunos do ensino médio que pode ser adaptada ao ensino fundamental. Para alcançar o objetivo, destaco a contribuição do ensino da Geografia em auxílio aos objetivos propostos.

## OBJETIVO GERAL:

Aqui trago o objetivo geral do recurso educacional em suas seis atividades no percurso do trabalho. Nesse sentido, o objetivo geral busca *analisar de que forma as imagens nas aulas de geografia podem despertar a consciência crítica dos alunos sobre os investimentos em seu bairro, inclusão e respeito, mostrando se eles valorizam seu local de moradia e estratégias que possam adotar sobre o preconceito em relação às favelas e aos negros*.

Sendo a ideia do trabalho ser realizado tanto com o ensino médio, quanto com o fundamental é porque não há limites de faixa etária para ser realizado. Cada professor vai saber adaptar suas realidades em função do tempo e condições de sua realização. Nesse sentido, espera-se que o trabalho possa servir de inspiração para profissionais da educação básica em Geografia.

A seguir, a primeira atividade se inicia com a percepção atenta de como as estratégias apresentadas se darão na prática profissional. Assim, se o docente, desejar, poderá fazer adaptações que possam conduzir o trabalho ao melhor resultado possível. Por isso, é importante ouvir o que os alunos dizem e opinam. Muitas vezes em um comentário recebido, pode existir novos direcionamentos do trabalho, “pistas” que o profissional deixaria passar despercebido.

# OBSERVAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS

## Primeiro momento

### Objetivos:

Apreender o valor dos seus próprios lugares ao observarem fotografias de distintas favelas.

### Papéis:

O professor irá listar imagens fotográficas semelhantes as suas realidades e provocá-los a observar os detalhes. Em seguida estabelecer comparações destas imagens com seus lugares.

### Atividades:

Mostrar as imagens selecionadas e estimular que debatam sobre suas observações.

### Duração:

Uma aula

### Conteúdo:

-  Urbanização
-  Êxodo rural
-  Favelização
-  Lugar

### Ferramentas:

Uso de material impresso ou digital.

### Avaliação:

Troca de informações

**Material:**

Folhas, lápis de cor, canetinhas e celular (fotos realizadas fora da escola e gravação de vídeo).

**Dinâmica:**

A inspiração da dinâmica surge através das fotografias do projeto Favelagrafia com imagens dos fotógrafos: Magno Neves, Saulo Nicolai, Omar Britto, Rafael Gomes, Jessica Higino e Joyce Marques. Projeto organizado por André Havt e Karina Abcalil que tem o objetivo de valorizar a favela e seus moradores. Foi criado em 2016 com o desenvolvimento de olhares diferenciados sobre as favelas cariocas: “a partir de quem mais entende delas”. As fotografias foram feitas em nove favelas cariocas e cada uma com fotógrafos moradores do local.

Com a utilização destas fotografias há o desejo de despertar nos alunos- o interesse por imagens simples e comuns, que possivelmente estão os seus cotidianos e nas galerias dos seus smartphones. Espera-se que ao realizar as imagens, possam refletir durante e após o processo, de forma mais crítica sobre o seu lugar de vivência e questionar mais por seus direitos sociais e mais direitos. A ideia é mostrar e valorizar elementos além dos projetados e idealizados para quem mora em uma favela, tais como: violências, pobreza, fome, dentre outros.

A maioria dos alunos da escola, em que aconteceu a pesquisa para este recurso, é de maioria negra. A turma que participou da pesquisa, apesar de pequena, possuía um quantitativo elevado de alunos brancos em relação as outras turmas. Assim, a partir dos dispositivos de cinema descritos por Migliorin et. al. (2016), foi escolhido para inspiração aquele que aborda a presença da cor e textura no enquadramento da fotografia. Logo, pude aproveitar a ideia e fazer uma recriação geográfica com a presença da pele dos alunos imbricadas na paisagem do lugar em que residem. São peles que se misturam na paisagem com muita força e representatividade.

Desta forma, percebe-se que as peles expostas nas imagens, são as peles que os representam enquanto jovens periféricos. Ainda que a turma que elaborou as fotografias não seja totalmente negra, os brancos convivem com pessoas negras em suas casas, na escola, enfim, em todo o bairro. Além de suas raças e etnias, pretende-se dialogar os motivos da escolha dos lugares fotografados por eles, junto com a valorização de suas vidas, gostos e identidades locais, apesar de não esquecer das muitas carências do lugar. Por isso, o desejado é partir do que eles têm no lugar. Porque o que eles não têm, sabemos bem e ninguém melhor para revelar o que há nesse lugar, do que quem vive diariamente nele.

Diante do exposto, o recurso educacional elaborado é pensado no professor com pouco tempo para encontrar dinâmicas que possam contribuir e diversificar suas aulas. Dessa forma, foi desenvolvido uma diagramação do recurso educacional para facilitar o trabalho do professor que é tão corrido e atribulado. Apresentando o recurso de forma objetiva, na intenção do professor pensar em uma adaptação do recurso educacional de uma maneira mais rápida e de acordo com a sua realidade em sala de aula.

Vale relatar que inicialmente mostrei aos alunos as fotografias do André Havt e da Karina Abcalil, através do meu celular. Depois vi que alguns alunos abriram seus próprios celulares com as imagens e observaram as imagens a partir dos seus celulares. Percebi que ficaram impactados com as imagens, tão perplexos que ouvi um aluno dizer que eram fotos de lugares feios. Assim, aproveitando a fala do aluno, conversamos a respeito do cotidiano das favelas e da noção do feio e do bonito. Geralmente, são as imagens turísticas que são consideradas “bonitas”, e sobre isso Oliveira Jr. (2019) alerta

Precisamos cuidar para que não continuemos a dizer aos nossos alunos que as fotografias de um lugar nos mostram a paisagem daquele lugar. Elas nos mostram sim, imagens que têm como um de seus mediadores a paisagem daquele lugar, mas que também tiveram como mediadores a cultura fotográfica do fotógrafo (que decidiu tirar a foto com um dado enquadramento e num dado ângulo), as potencialidades técnicas da câmera, suas lentes e filtros, ou os objetivos – turísticos, por exemplo – que levaram o fotógrafo a mirar aquele tema naquele lugar. (p.4)

E ainda sobre lugar acrescenta, *“os lugares geográficos são, eles próprios, produtos narrativos, que se constituem tanto daquilo que se manifesta física e socialmente naqueles quanto dos discursos e falas que se dobram sobre eles”* (p.05). Assim, na compreensão do que pode ser feio ou bonito, durante a discussão, pensaram na valorização do lugar onde vivem, apesar dos espaços que precisam de melhorias e outros com suas belezas naturais.

## IMAGENS DO ACERVO FAVELAGRAFIA (2016)

Figura 1



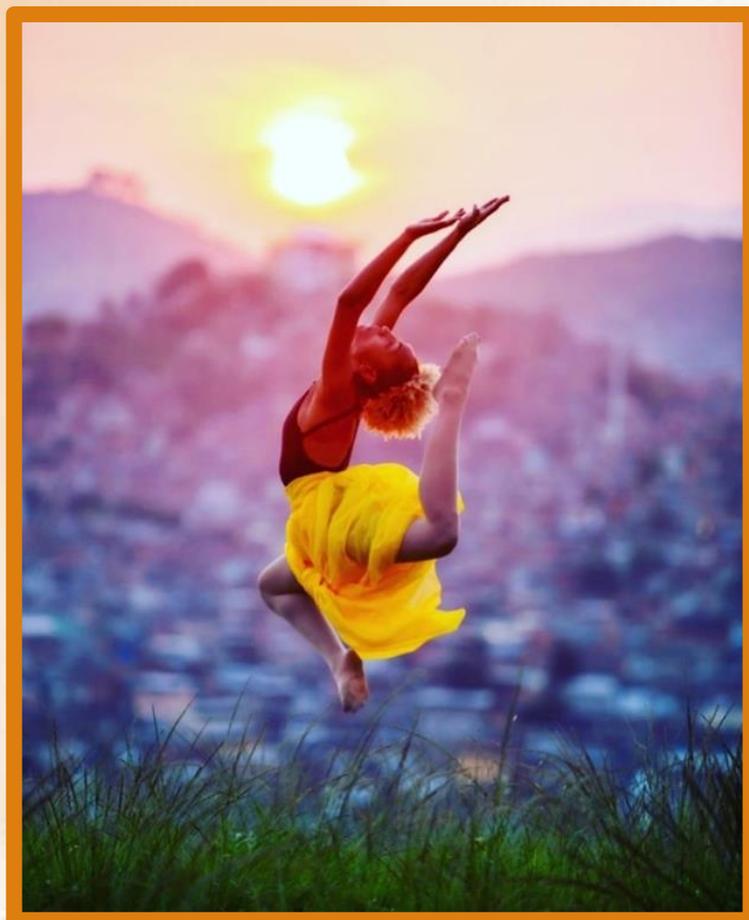
Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Magno Neves

Figura 2



Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Saulo Nicolai

Figura 3



Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Saulo Nicolai

Figura 4



Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Omar Britto

Figura 5



Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Rafael Gomes

Figura 6



Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Jessica Higinio

Figura 7



Fonte: Instagram @favelagrafia: Autor: Joyce Marques

# REALIDADES DO LUGAR ONDE VIVEM

## Objetivos

Despertar o olhar dos alunos principalmente para as questões sociais, ambientais, econômicas e culturais do seu bairro.

## Papéis

Os alunos podem levar dados observados por eles em que o professor possa ampliar a discussão sobre outros lugares.

## Atividades

Debate ou roda de conversa.

## Duração

Uma aula

## Conteúdo

Questão socioambiental;

Aspectos econômicos; culturais dos lugares e Espaço geográfico.

## Ferramentas

Uso de tecnologia, filmes ou documentários.

## Avaliação

Troca de informações

Nesta etapa com os estudantes, quando conversamos um pouco sobre as imagens, percebi que se reconheceram nas fotografias e viram que é possível fazer um trabalho de qualidade em qualquer ambiente, inclusive no seu lugar.

# VIVÊNCIAS NO LUGAR ONDE MORAM

## Objetivos

Analisar sua relação com o lugar e averiguar o que mais gostam e/ou menos gostam nele.

## Papéis

O professor pode estimulá-los no processo de construção e recuperação de suas memórias afetivas com o lugar.

## Atividades

Construção de desenhos envolvendo partes do lugar que mais gostam ou menos gostam.

## Duração

Uma aula

## Conteúdo

Paisagem, lugar

Pontos de referência no lugar.

## Ferramentas

Uso de material e quadro branco.

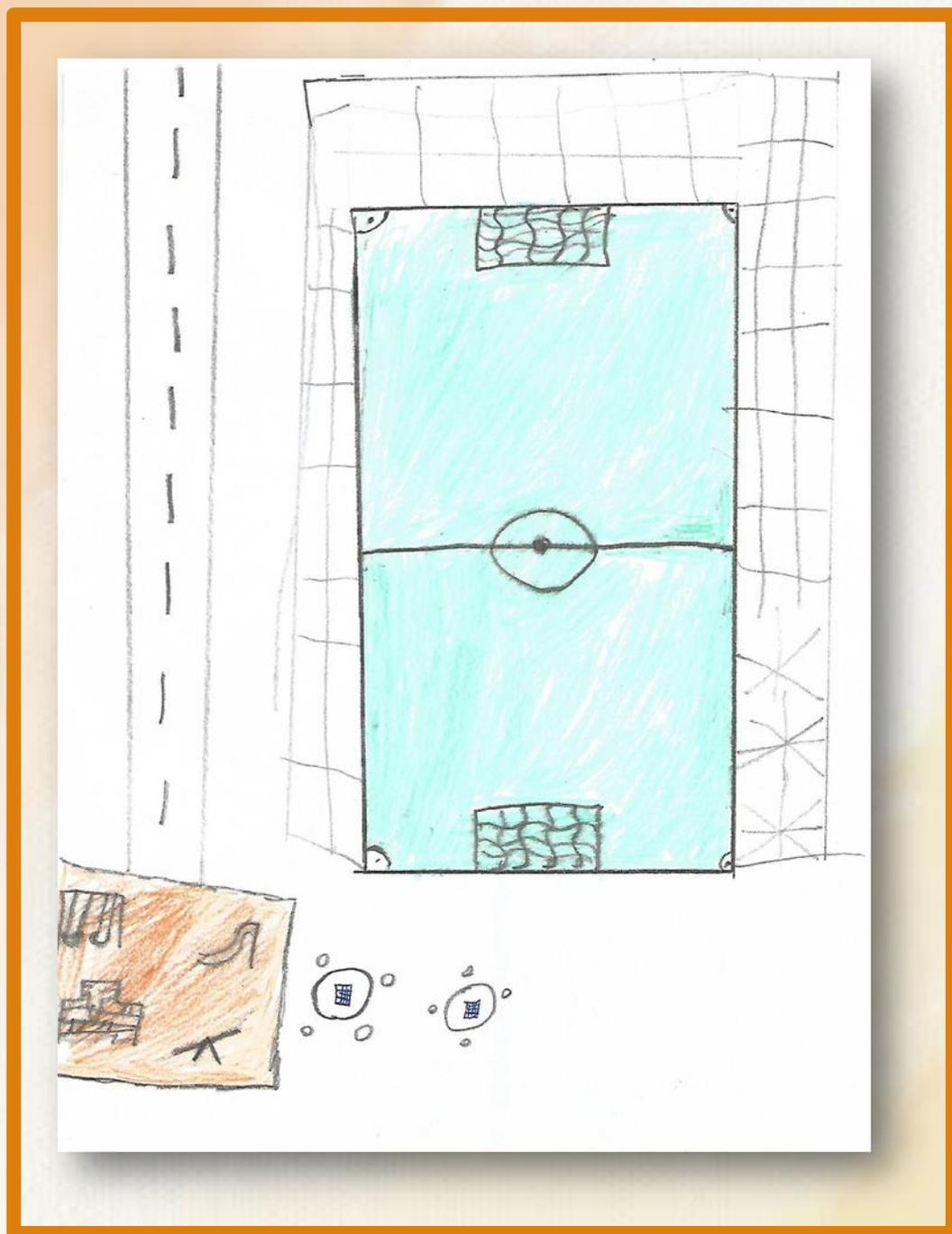
## Avaliação

Troca de informações

Neste momento falamos um pouco sobre seus locais de moradias e a seguir os estudantes fizeram alguns desenhos sobre os locais que mais gostam no seu lugar. Muito me chamou atenção o campo de futebol como o local mais destacado nos desenhos, pois na etapa anterior não falaram sobre o campo de futebol no debate.

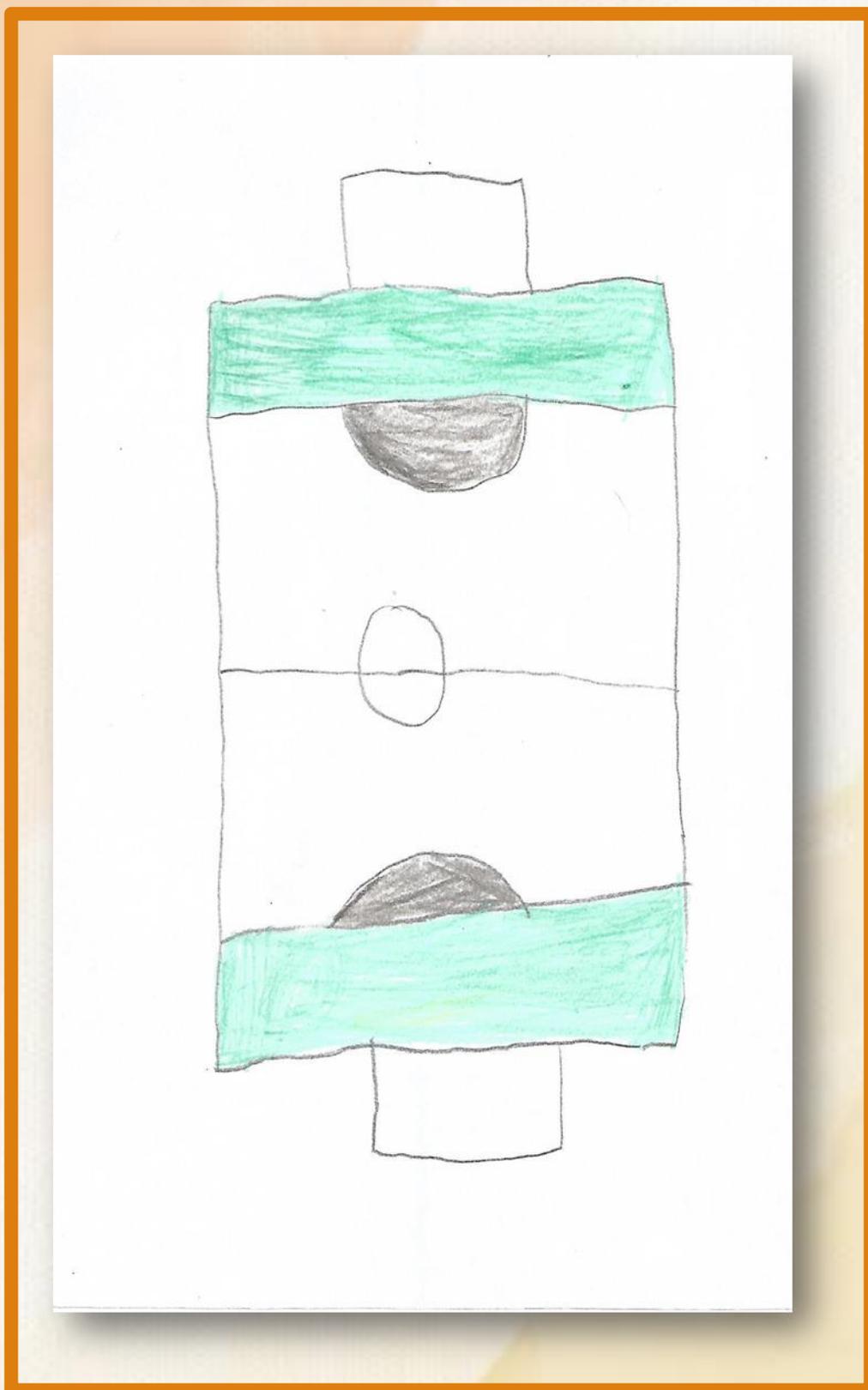
# ALGUNS DESENHOS REALIZADOS:

Figura 8



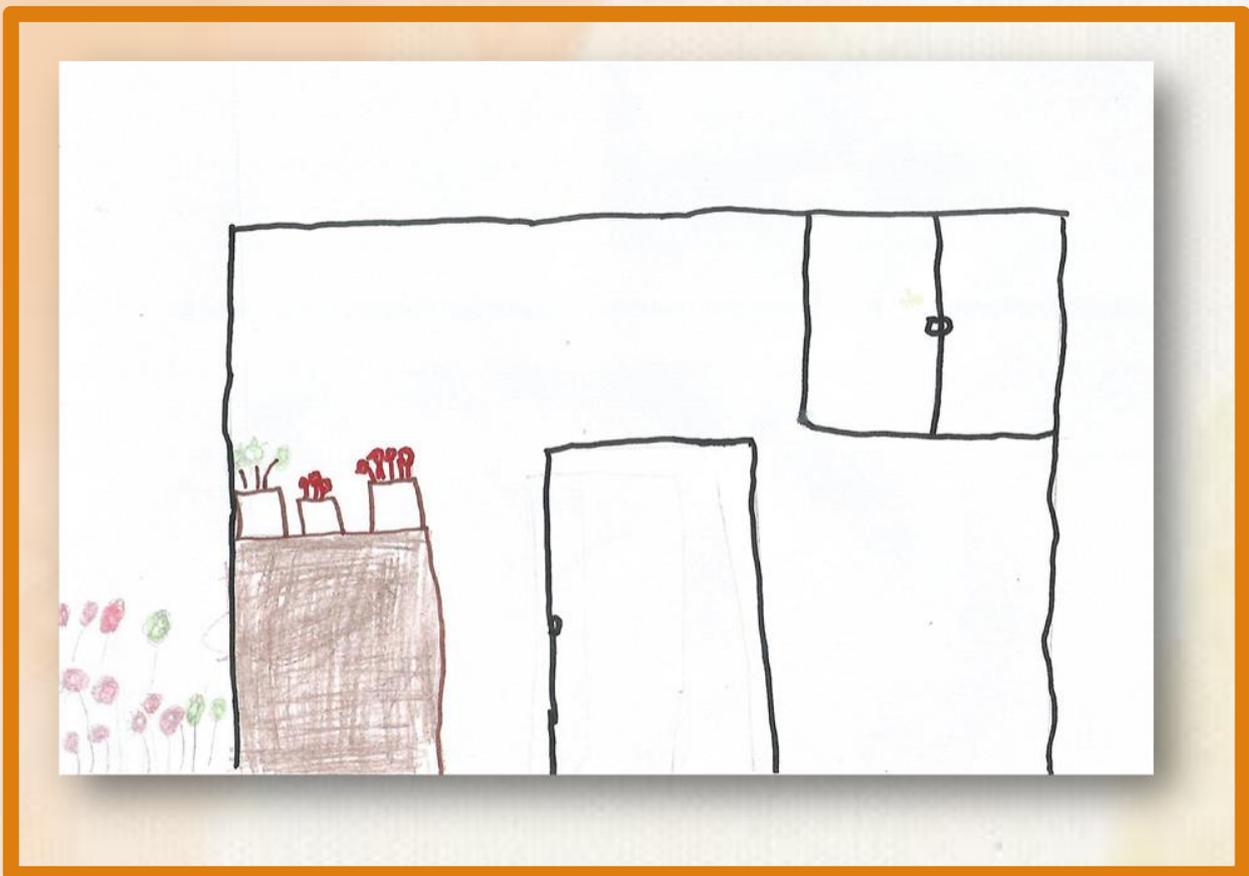
Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 9



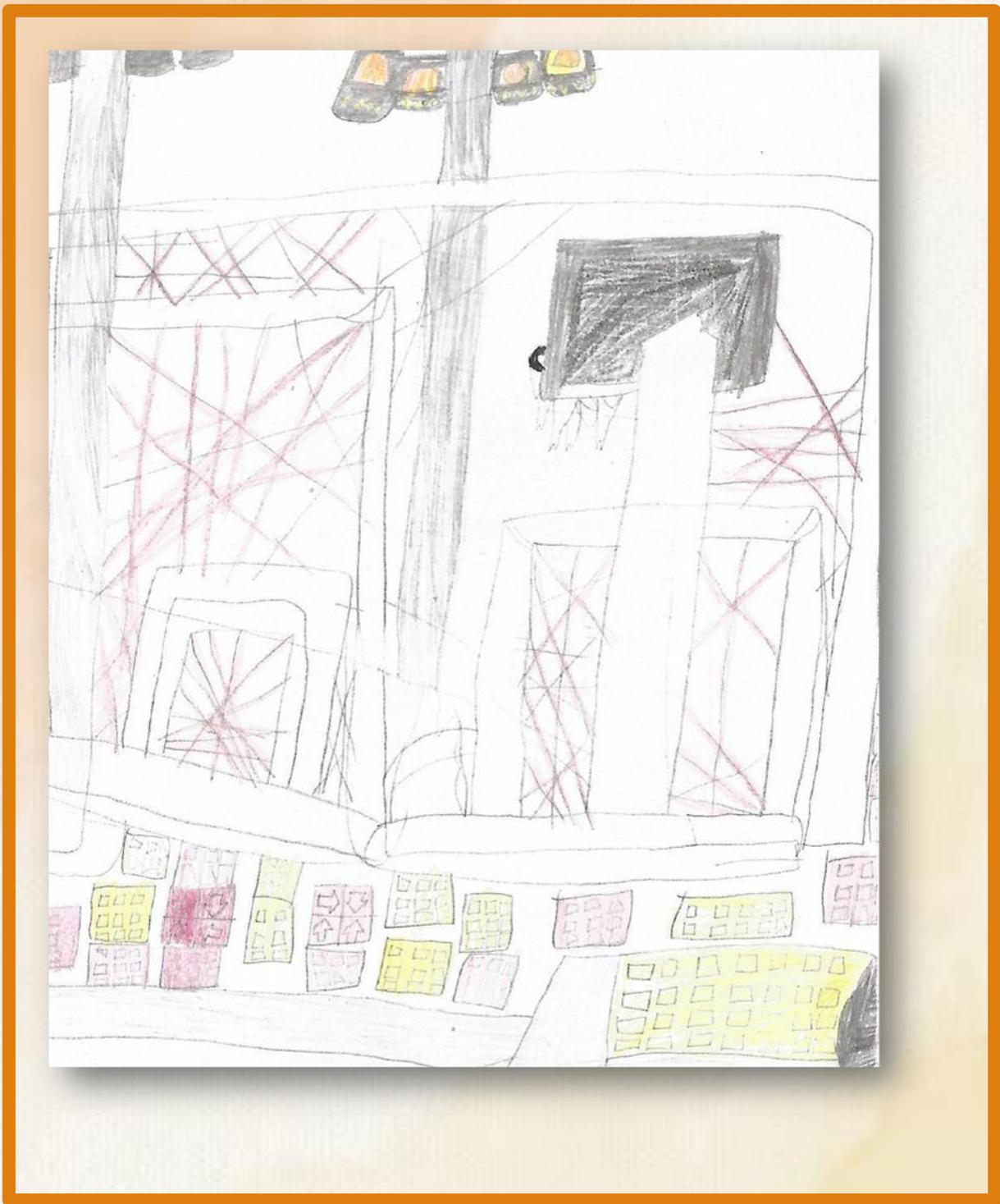
Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 10



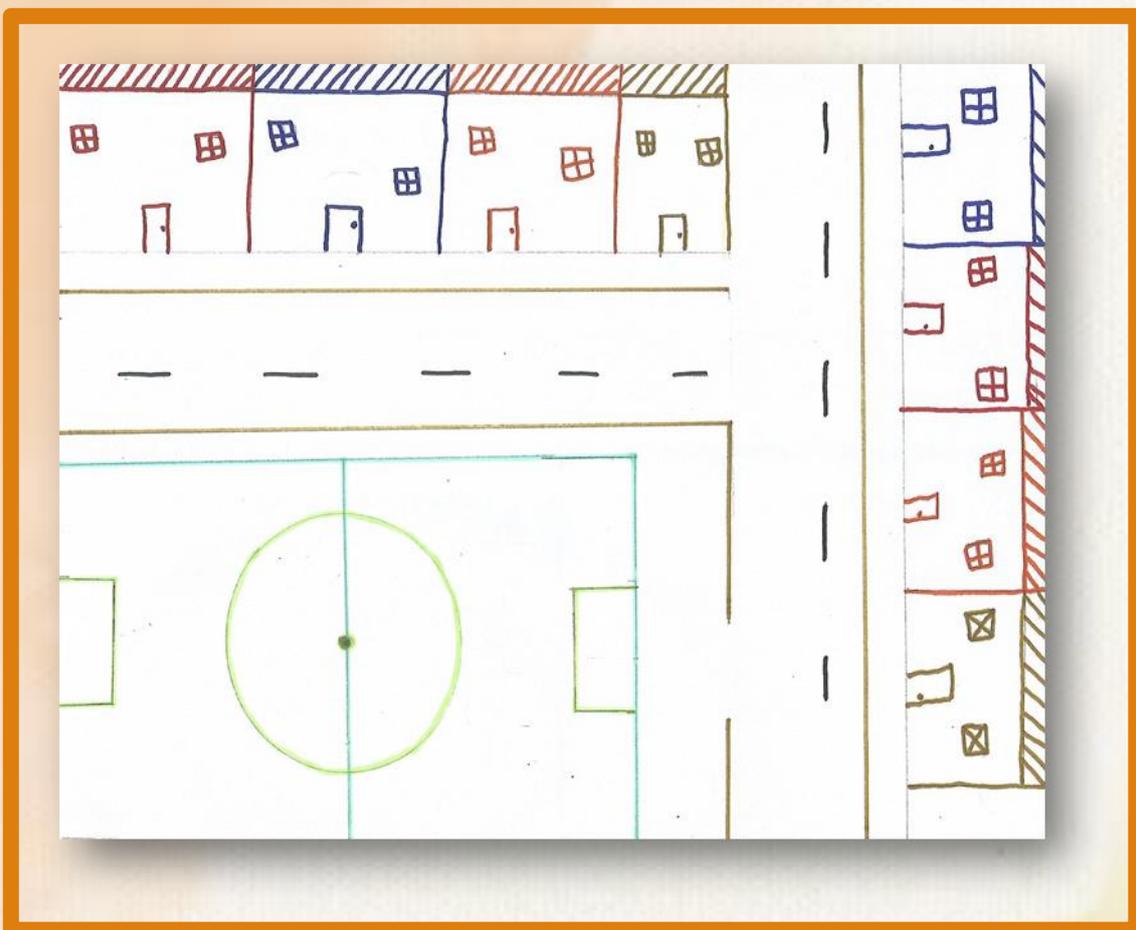
Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 11



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 12



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

# FOTOGRAFIAS DO LUGAR

## Objetivos

Refletir sobre a valorização do lugar, das questões raciais no bairro e na escola. Ao fotografarem suas peles junto ao local que mais gostam no lugar onde moram.

## Papéis

O professor pode contribuir com reflexões sobre a formação de seu bairro e sua importância. Além do racismo presente nos lugares e, inclusive, nas escolas.

## Atividades

Produção de fotografias do lugar e debates

## Duração

Duas aulas

## Conteúdo

Paisagem, lugar, Geografia cultural e áreas de transição rural-urbano.

## Ferramentas

Câmera fotográfica ou celular e quadro branco.

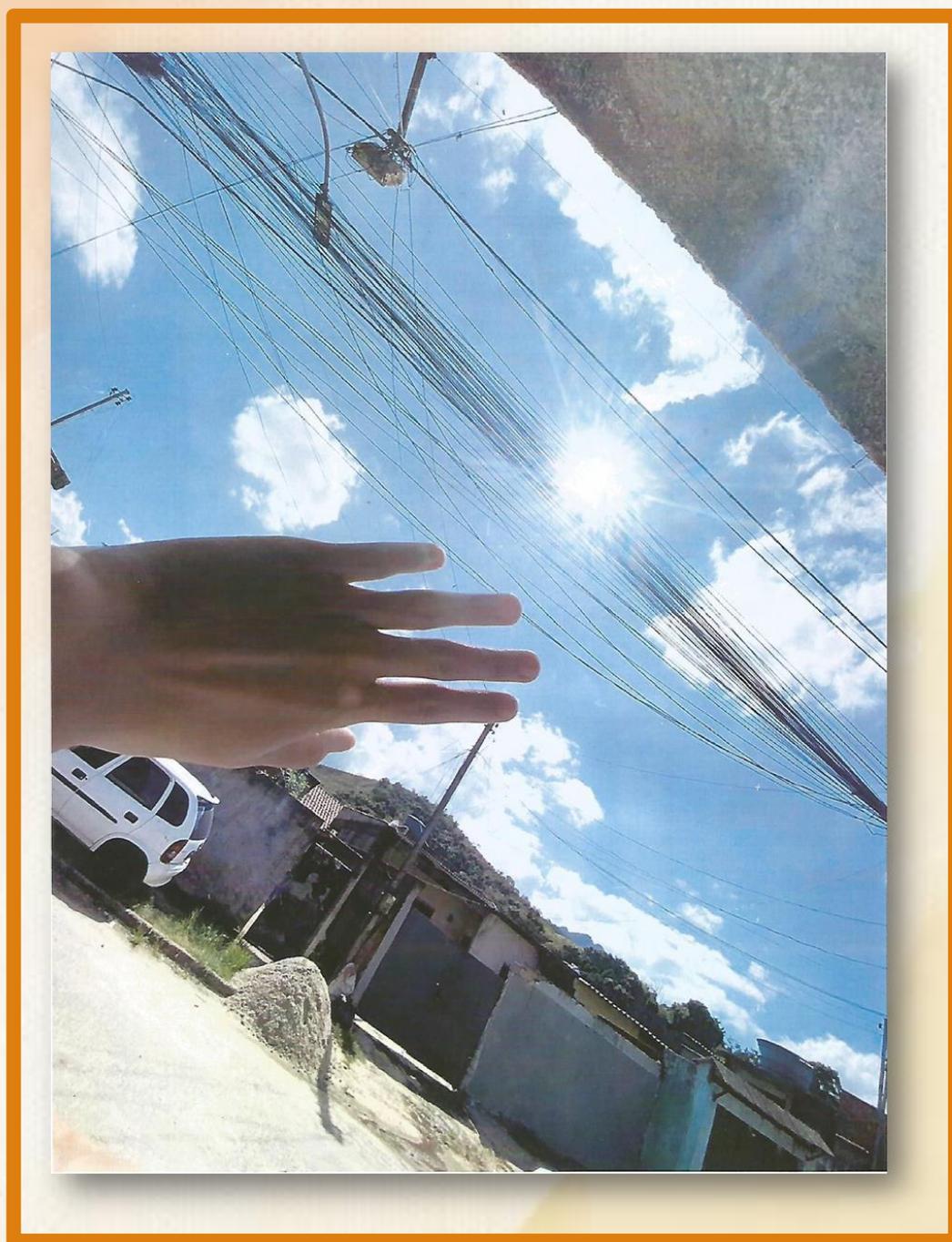
## Avaliação

Troca de informações

Na etapa, ao contrário dos desenhos, o campo de futebol não apareceu nas fotografias. Porém, escolheram outras áreas que também têm significados para eles. A presença da pele que aparece pelas mãos e braços, traz a interferência racial desses alunos naquele espaço. A princípio, os que não são negros, queriam chamar colegas negros para terem suas peles destacadas. Conversei com eles, e disse “maquiar” as imagens não é a proposta do trabalho e que fizessem com suas próprias peles. A presença da pele nas imagens, com a paisagem do lugar, simboliza onde primeiramente se inicia o racismo aqui no Brasil: na cor da pele! Quando os olhos se deparam com a pele, a origem e o lugar onde se vive, passam ser secundários ou se estigmatiza que sejam as áreas mais periféricas e empobrecidas da cidade. Não que os problemas deixem de existir em suas vidas, mas são mais ou menos potencializados pela cor da pele. Sendo a pele um elemento combinado com o lugar, ainda hoje, causa estranhamento como por exemplo, a presença de pessoas negras ou indígenas vivendo nos endereços nobres das grandes cidades. Por outro lado, o mesmo pode ocorrer com famílias brancas moradoras em situação de rua. Causa mais estranhamento do que com famílias negras.

## FOTOGRAFIAS DOS ALUNOS E DESCRIÇÃO DAS FOTOS COM ALGUMAS PERCEPÇÕES DO TRABALHO:

Figura 13



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 14



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 15



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

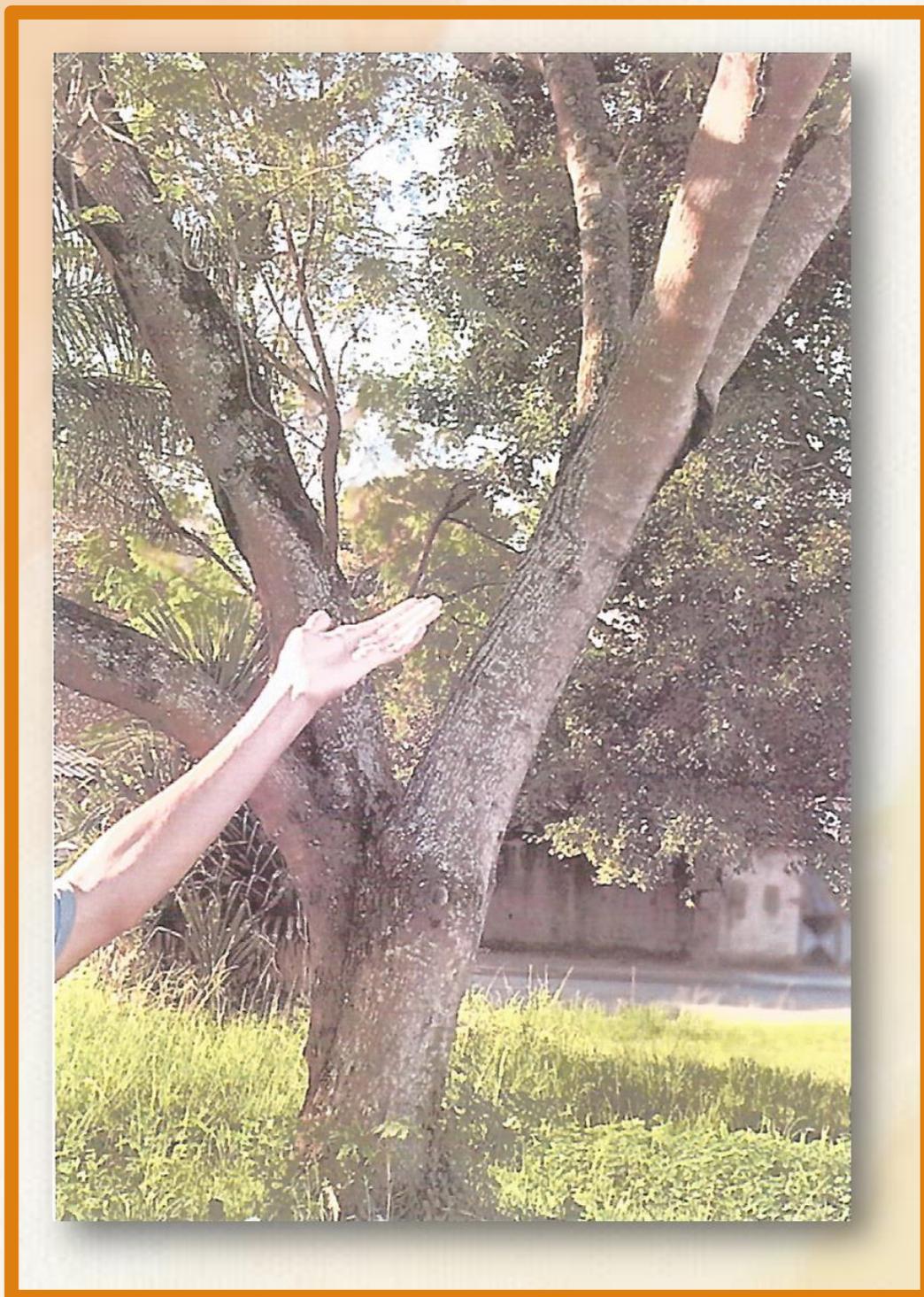
As imagens fotográficas 13, 14 e 15 focaram em ambientes externos. As duas primeiras se preocuparam em destacar um pouco do lugar onde vivem os alunos. Já a última, preferiu destacar o céu. Conforme relatou a aluna que fez a imagem, não conseguiu fazer a fotografia na rua por morar em uma parte mais perigosa e por não considerar seu quintal e casa adequados para serem fotografados.

Figura 16



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 18



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

As imagens fotográficas 16, 17 e 18 se dividem em duas externas e uma do quintal. Nessa sequência, é possível verificar que o lugar onde moram, possui uma certa quantidade de vegetação. Esses são espaços usados para o lazer e encontro desses jovens. Dá para perceber pouca movimentação nas ruas, o que demonstra que mesmo sendo uma cidade da região metropolitana convivem com pouco trânsito e que tiveram cuidado e foram discretos com as fotografias.

**Figura 19**



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 20



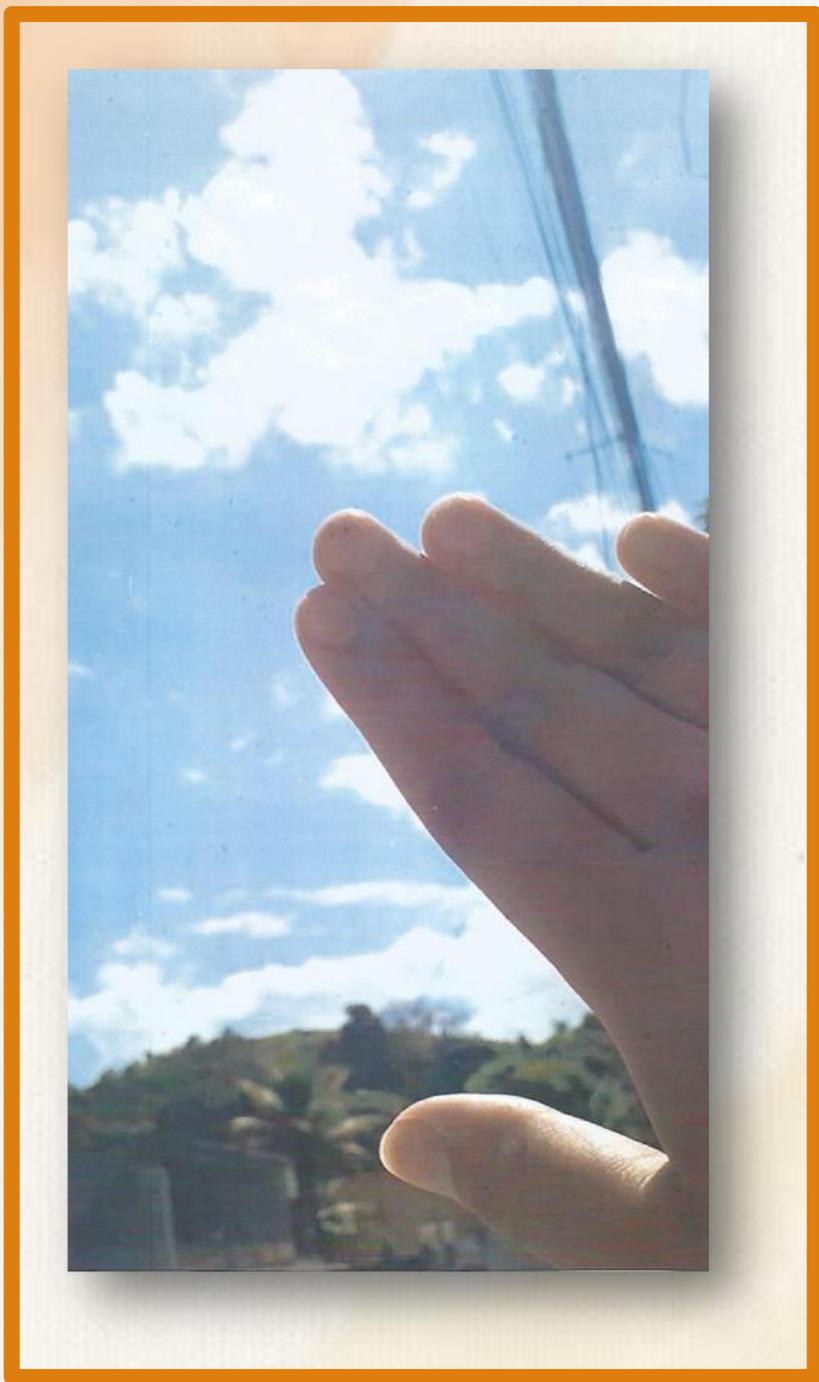
Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

**Figura 21**

Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

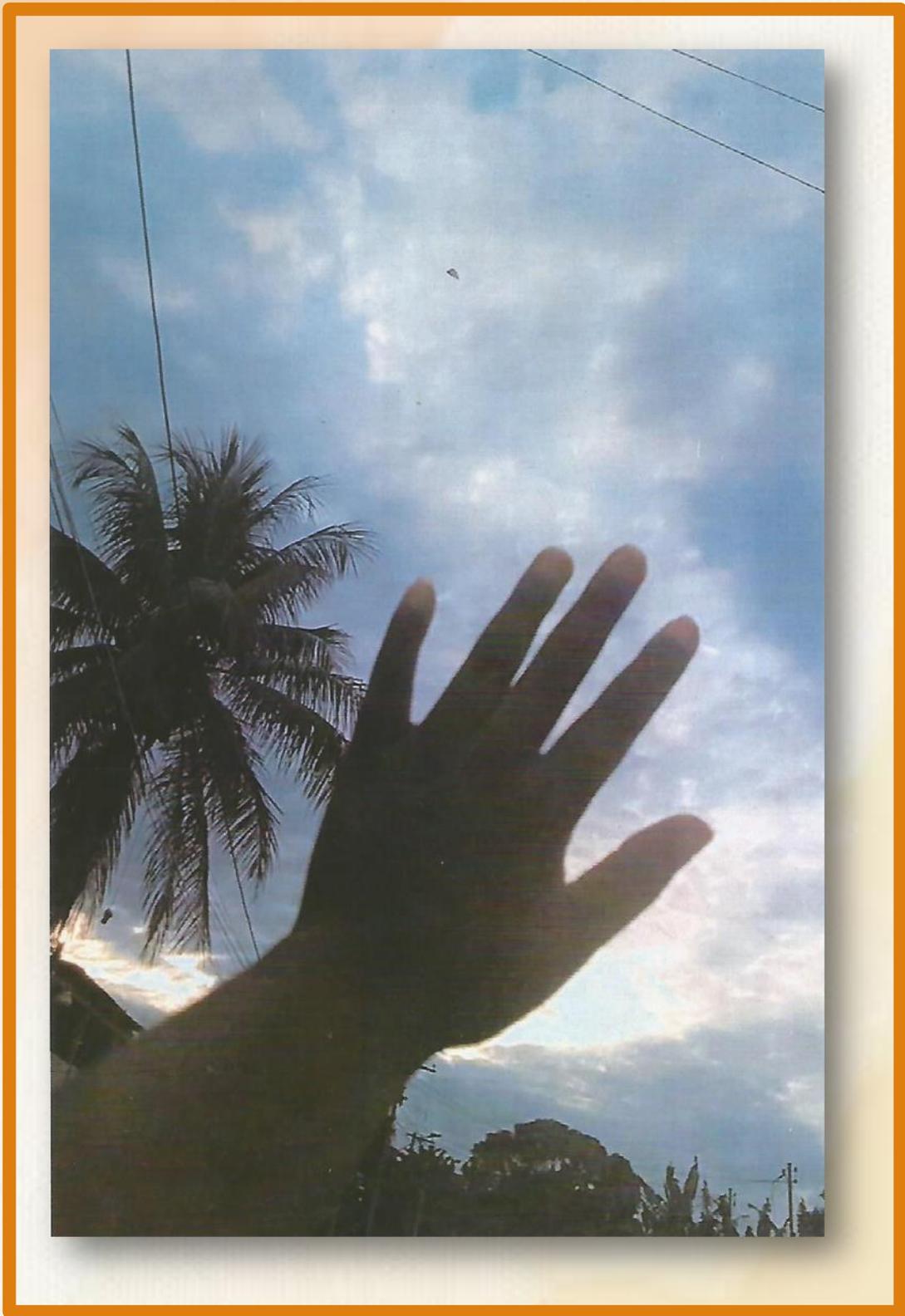
Nas imagens fotográficas apresentadas, a 19 e 21 são externas e a 20 é interna. A primeira imagem não fica na “favelinha”, fica mais próxima da escola, ou seja, do lado oposto da favela. A segunda imagem foi realizada dentro de uma igreja do bairro, local destacado pelo aluno onde ele mais gosta ficar. A última fotografia, também fica fora da favela, a aluna preferiu fotografar a casa de um parente porque disse ser o lugar onde mais gosta no bairro. No entanto, a aluna mora na favela.

Figura 22



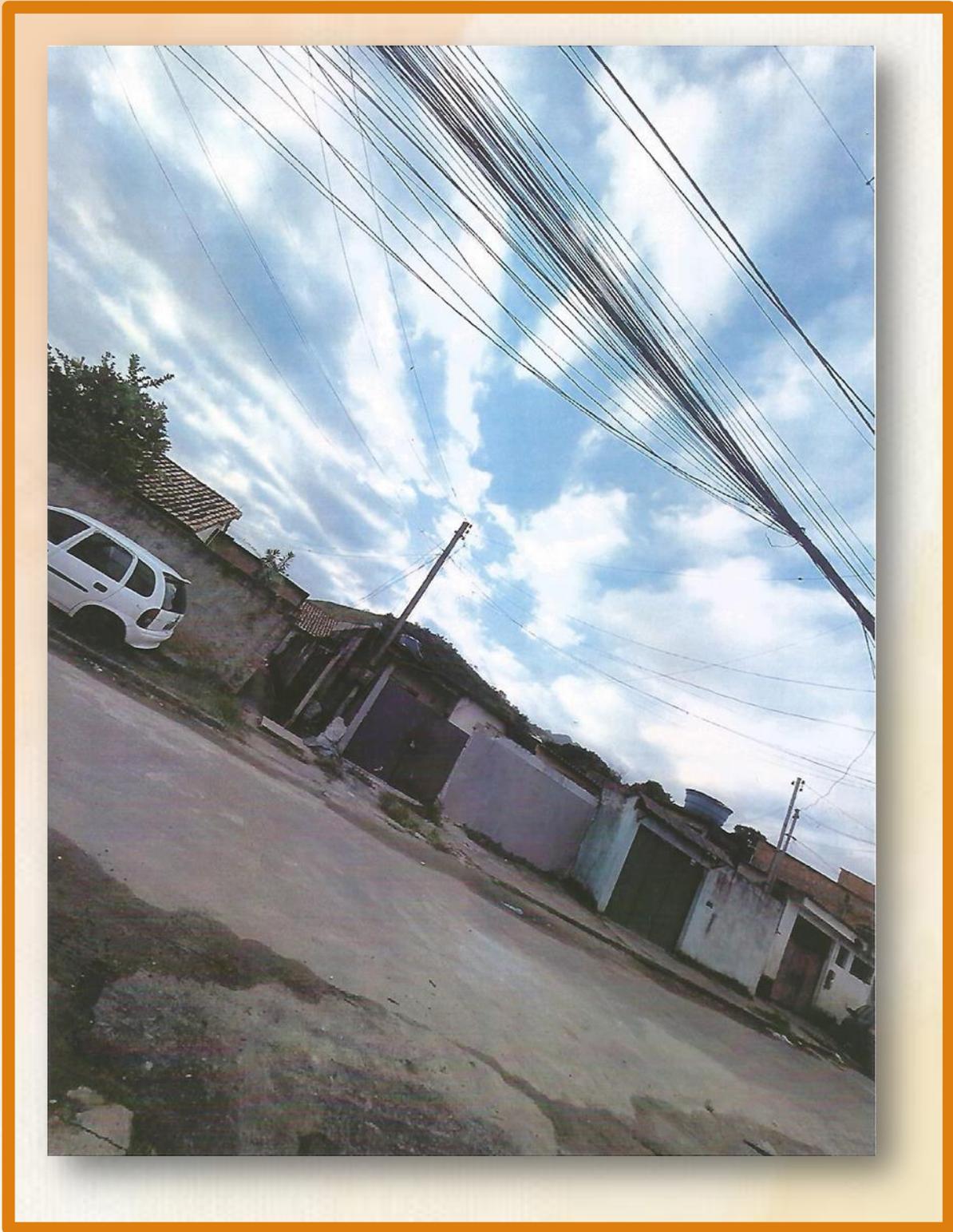
Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 23



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 24



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

As imagens fotográficas 22, 23 e 24 são externas e foram feitas na denominada “favelinha”. As duas primeiras têm a presença da pele e são apontadas para o alto, pegando pouco das ruas. A última fotografia foi feita por um aluno que apresentou uma fotografia com a interferência da pele e outra com um panorama da rua, mas focada em sua casa.

# DEBATE E FILMAGENS

## Objetivos

Compreender o motivo da escolha do local para produção das suas imagens e avaliar de forma crítica o que está bom no bairro e o que precisa melhorar.

## Papéis

O professor pode ser o elo da compreensão entre o lugar e seus problemas com o racismo no bairro e na escola.

## Atividades

Vídeos autorais dos alunos com as imagens fotográficas produzidas anteriormente com narrativas sobre os motivos para a escolha do local, o que mais gostam e/ou menos gostam do lugar. Ao final, deixar uma mensagem, sugestão de música, frase, etc. e debate.

## Duração

Duas aulas

## Conteúdo

Paisagem, lugar e Geografia cultural.

## Ferramentas

Câmera fotográfica ou celular e quadro branco.

## Avaliação

Troca de informações

Foram reunidas as fotografias dos estudantes e realizados debates sobre as motivações para o enquadramento no momento das produções das imagens fotográficas. Em seguida, realizamos as filmagens com cada aluno segurando sua fotografia e respondendo um pequeno questionário:

- a) Por que escolheram aquele lugar para fazer a imagem?
- b) Você gosta do lugar onde mora?
- c) O que você acha que existe de melhor e/ou pior no lugar onde mora?
- d) Que mensagem, letra de música, palavra e outros, você deixa como mensagem?



## PROCESSO DE (RE)CRIAÇÃO DOS DISPOSITIVOS

O uso do dispositivo no recurso educacional e andamento da pesquisa foi de relevante importância na composição e amadurecimento do processo das atividades realizadas com os alunos. Desse modo, a partir de Migliorin; et. al. (2016), partimos da compreensão que “O dispositivo é uma noção transversal à produção de uma obra”. Ainda sobre os dispositivos, podemos destacar: “Trata-se de uma escolha que estabelece limites antes da captação ou da apropriação de qualquer imagem. Essa escolha irá contaminar todas as opções que se colocarem dali para frente” (Migliorin; et. al., 2016, p. 46).

Sobre as filmagens com os alunos, deveríamos ter feito a filmagem das filmagens para que posteriormente pudéssemos assistir quão interessante foi a experiência com os discentes. Diria que foi até cômico em alguns momentos, tal o nível de relaxamento. O dispositivo permite essas experimentações: “O dispositivo não seria mais pensado como um método cinematográfico ou uma ‘prisão’ para que o filme aconteça, mas como um operador na realidade” (Migliorin; et. al., 2016, p. 47).

Para o trabalho, não precisamos da preparação de cenários porque a sala de aula era o ambiente perfeito. Porém, os elementos foram pensados e discutidos: espaço, roupas que usaram: os uniformes, o que apareceria e o que não apareceria como não focar rostos, não falar nomes, enfim, os aparatos de um cinema na escola, ainda que não necessários no projeto, foram pautados e vistos como importantes. As perguntas foram repetidas várias vezes para conseguirem responder. Mas, apesar de termos perguntas prontas, os alunos eram livres para dar suas respostas. Não havia um texto programado.

À procura do melhor enquadramento, do silêncio e dos esquecimentos na gravação foram momentos que ficarão em minha memória e inclusive, acredito que na dos alunos. Em meio a gargalhadas e descontração, foram iniciadas as gravações. O trabalho foi gravado em três dias: o primeiro foi o mais corrido porque recebi parte do tempo de uma professora para fazer as filmagens. Depois de todas as combinações e acertos, iniciamos a gravação e no final da terceira pessoa falando, surgiu a inspetora de turno para perguntar se poderia liberar a outra turma que estava tendo aula comigo. O que causou olhares e risos pelo atropelo.

Já tinha percebido que não conseguiríamos fazer todas as gravações no mesmo dia por conta do horário, mas antes da desistência, fui conversar com a inspetora e vi parte dos alunos

da turma que estava comigo nos corredores e correndo pela escola. O tempo de ficar em sala eram meus, mas faziam uma atividade avaliativa e ficaram aos cuidados da inspetora para eu gravar com a outra turma por conta das poucas oportunidades que estávamos encontrando de nos reunir. A turma do projeto e professora que cedeu o tempo estavam cientes. Ao perceber que não daria certo ficar ausente da turma do meu horário, precisei interromper as gravações e consegui fazer apenas mais uma gravação de uma aluna que não estaria presente no próximo encontro.

Na semana seguinte, em outro horário cedido por outra professora, conseguimos gravar com um número reduzido de alunos presentes. Mesmo assim, foram idas e vindas com novas gravações por barulhos, aluno que chamou na porta, esquecimentos, risos e alunos nervosos, mas com muita descontração.

No último dia de gravação, ficaram os alunos que faltaram na data anterior e alguns que desejaram apenas observar as gravações. Pude perceber nos dois últimos dias de filmagens que havia um entrosamento e apoio entre eles sobre o que podiam falar sobre o lugar, quando esqueciam. Esses momentos que antecediam as gravações, foram ricos em debates sobre o bairro e ideias do que poderiam dizer, no gestual e postura. Ainda que quando as gravações iniciavam, não falavam nada do combinado e ficavam um pouco travados ao serem filmados.

No primeiro dia de gravação, um aluno ficou responsável pelo equipamento e articulação nos enquadramentos. Nos dois últimos dias, outro aluno ficou responsável e parecia gostar bastante da função. Ao final das gravações, uma aluna se ofereceu para fazer toda a edição e os arranjos finais. Foi um trabalho de muito braços e colaborações, mas sobretudo de aprendizado e valorização por cada participação. Uns com mais desenvolvuras e outros mais tímidos. O coletivo comandou o trabalho o tempo inteiro, dei sugestões e recebi muitas sugestões que puderam engrossar as inúmeras dinâmicas realizadas no projeto.

# RODA DE CONVERSA E AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO

## Objetivos

Refletir sobre o que foi realizado no trabalho destacando o quanto pode contribuir em suas vidas e o que precisa ser melhorado no bairro.

## Papéis

O professor elencar com os alunos elementos para avaliação do trabalho, proporcionando a discussão sobre de que maneira contribuiu ou não em suas vidas e o que mais eles precisam no bairro.

## Atividades

Roda de conversa

## Duração

Uma aula

## Conteúdo

Paisagem, lugar, Geografia cultural e áreas de transição rural-urbano.

## Ferramentas

Quadro branco

## Avaliação

Troca de informações

Dessa forma, assistiram às filmagens e um novo debate crítico foi realizado com destaque aos aspectos percebidos após o que fizeram. Minhas expectativas nesse momento, eram que ao final da etapa, relatassem suas percepções conforme o andamento do projeto e as contribuições com o uso das imagens nele alcançadas.

O envolvimento que tiveram foi de tal maneira, que puderam relatar um pouco mais suas experiências nesse lugar, usando uma linguagem mais crítica sobre suas moradias e os seus desafios, também os problemas raciais enfrentados na escola e no bairro e o quanto apreciam no local de vivência. Disseram que precisam ficar atentos para enfrentar os entraves e lutar para combatê-los e que não podem ignorá-los.

Mostraram que apesar de tantos obstáculos enfrentados no bairro, valorizam o bairro e gostam de viver nele. Reconheceram ainda que merecem melhores condições de vida e mais infraestruturas no lugar, como transportes com valores e qualidades mais acessíveis, mais segurança, saneamento básico, mais áreas de lazer, postos de trabalho, melhorias na saúde, entre outras necessidades. Disseram que o uso das imagens produzidas por eles e por outros autores no projeto, proporcionaram momentos de reflexão e clareza aos temas abordados.

## PISTAS PARA UMA DOCÊNCIA COM A GEOGRAFIA ESCOLAR: ANÁLISE DA PRODUÇÃO DOS ALUNOS

O quadro comparativo a seguir, destaca alguns elementos que foram positivos e outros considerados negativos durante o processo de construção do projeto. Lembrando que os pontos negativos não são totalmente ruins porque servem como experiências e sugestões do que pode ser melhorado. Por outro lado, essa foi a experiência com uma turma específica e tempo específico. Não significa que em uma próxima vez, ainda que com a mesma turma, os resultados serão os mesmos.

### PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA PRODUÇÃO DO RECURSO EDUCACIONAL

**Quadro 25**

Pontos positivos	Pontos negativos
Empenho dos alunos	<b>Faltou tempo e horário</b>
União entre eles	<b>Etapas corridas</b>
Colaboração dos alunos no projeto	<b>Faltosos</b>
Mais atentos nas aulas	<b>Greve</b>
Observação do lugar	<b>Eventos nos dias das aulas</b>
Visão mais crítica	<b>Uso de dois bimestres no trabalho</b>
Amam o bairro	<b>Muitos trabalhos ao mesmo tempo</b>
Não se preocuparam com notas	
Fiquei mais próxima deles	

Após a apresentação da proposta do trabalho do recurso educacional aos alunos, foram quase quatro meses até a fase de conclusão do projeto. Primeiramente é necessário destacar que foi escolhida uma turma de segundo ano com o número pequeno de alunos e ainda assim, uma

turma faltosa, motivo que também nos impediu de avançar em um prazo mais curto do que o realizado.

Assim, torna-se necessário relatar os enfrentamentos para realizar as etapas do recurso educacional. Uma questão que influenciou para o tempo longo do projeto, e considerado o principal desafio, foi conseguir reunir os alunos em uma aula para dar prosseguimento ao trabalho. Dificuldade porque as aulas ocorrem às sextas-feiras e quando não tínhamos feriados e pontos facultativos, tínhamos também eventos dentro e fora da escola. Desse jeito, havia um intervalo muito grande entre uma etapa e outra. Para conseguir não dar tanto espaço entre os trabalhos e conseguir fazer as filmagens, precisei da colaboração de duas professoras que me cederam por duas semanas- parte do seu tempo.

Outra questão destacada da dinâmica do projeto, é sua temporalidade no calendário escolar. É importante que o trabalho seja feito dentro do mesmo bimestre e que seja um dos trabalhos bimestrais. Assim, poderão se dedicar ao projeto, também já sabendo que serão pontuados por ele. Percebi que ficavam divididos entre dar atenção ao projeto e aos outros compromissos dos bimestres que seriam pontuados com os outros professores. Principalmente porque foram colaboradores no projeto e não seriam pontuados. Porém, estiveram presentes e prontos para participar a todo instante.

Diante da proposta do trabalho na promoção de um olhar mais crítico a partir das imagens produzidas, pude perceber uma evolução no discurso dos alunos frente aos enfrentamentos cotidianos de suas vidas. Houve uma desconstrução do meu olhar frente ao que chamamos de “problemas” em suas moradias. Com a visão da classe média, acreditava que iriam criticar seu bairro e diriam que querem sair de lá na primeira oportunidade. No entanto, não foi o que presenciei e ouvi em quase todas as narrativas. Mesmo a violência que alguns mencionaram existir, até esse incômodo não é algo que os faça desistir desse lugar. Como reforça Milton Santos: “O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (Santos, 2012, p. 158). Ou seja, o mundo é repleto de lugares que o ajudam ter sentidos e funcionalidades reais.

O companheirismo e a vontade de estar juntos é algo tão forte e contagiante que torna-se reflexo de muitas frentes. Sem nenhum romantismo, sabendo dos desafios e territórios de disputas em destaque, há um olhar apaixonado por esse lugar que me fez compreender o quanto o “olhar dos de fora” é impregnado de “achismos” e de não entendimento das relações inter-relacionadas nesses locais. Eles têm clareza das dificuldades, mas não por isso, deixam de perceber o que de bom existe lá também. O que muitas vezes para os de fora, não tem nada de bom. Portanto, sobre o lugar e sua importância diante do mundo, Milton Santos escreveu: “(...)

O lugar oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar (...)” (Santos, 2012, p.169).

Quando disseram que nasceram e cresceram nesse lugar, disseram ao mesmo tempo com a pergunta a seguir: qual é o problema de viver nele? Outra percepção destacada com as fotografias que fizeram, foi que fiquei curiosa com muitas imagens trazerem o céu e pouco das fachadas de casas e ruas. Pensei que poderiam ter visto as dos colegas que fizeram primeiro e terem replicado a ideia. No entanto, isso veio à tona no debate, quando uma aluna disse que eles não podem fotografar qualquer lugar das ruas e que são proibidas imagens de qualquer parte da favela. Quando perguntei para ela por que não fez essa imagem em seu quintal, disse não poder mostrar o quintal porque é feio e cheio de lixo e que estava feliz por ter ido para outra casa melhor em outra rua após o período de produção daquela imagem fotográfica.

Uma das alunas foi muito crítica em dizer o que tem de bom e ruim nesse lugar. Contudo, ressaltou que é nele que ela quer ficar. Inclusive, não há na fala a felicidade com o lixo, tráfico e outros problemas. Destaco que percebem que os problemas existem e querem mudanças e melhorias para o lugar. Interessante uma outra aluna dizer que após o trabalho, ela pode olhar sua rua de um outro jeito, busca reparar os detalhes e apreciar por onde passa.

Conforme Leitão (2009) há “uma diferenciação sócio-espacial interna nas favelas”. Aos olhos dos que não estão presentes nesses locais de convivência, há um sentimento de pena, misturado com preconceitos aos moradores, sem ao menos entender ou buscar compreender que a favela não pode ser comparada aos seus lugares, é diferente e suas relações também são diferentes. Não por isso, melhor ou pior, pois, os parâmetros para embasar o que falta, o que é bom ou não para a favela, vem muito do olhar dos detentores do capital, um olhar elitizado, voltado para seus “mundos” e repleto de julgamentos. Conforme Milton Santos:

Os construtores do espaço não se desembaraçam da ideologia dominante quando concebem uma casa, uma estrada, um bairro, uma cidade. O ato de construir está submetido a regras que procuram nos modelos de produção e nas relações de classe suas possibilidades atuais (Santos, 2012, p. 36).

Ainda sobre o olhar dos que não fazem parte dessas moradias, desconhecem os laços de convivência, e sequer conseguem imaginar como de fato ocorrem porque muitas vezes não se permitem ao menos tentar compreender. Conforme o que nos apresenta Luz (2010):

O intelectual pequeno-burguês, fechado em seu apartamento da zona Sul do Rio de Janeiro, só entra em contato com os segmentos representativos da pluricultura brasileira esporadicamente, quando esta realidade entra pelo seu apartamento, e, portanto, sai de seu próprio contexto [...] (Luz, 2010, p. 38).

A pele aparente nas imagens - vem com intuito de problematizar os enfrentamentos raciais nesse país. Essa proposta de trabalho foi inspirada no dispositivo “cores e texturas” de Migliorin et. al. (2016). Onde pretende: “Intensificar a percepção de variedade de peles e marcas corporais das pessoas da comunidade, visando aproximar os estudantes da diversidade que os cerca [...]” (Migliorin et. Al. 2016, p. 44). Nessa perspectiva, há abertura para que sejam jovens fortalecidos e organizados e conseguirem construir alternativas para vencer os desafios impostos de fora para dentro de suas moradias. Embora na escola boa parte dos alunos se divida em pardos, pretos e brancos, destaca-se que esta é uma das poucas turmas que no quantitativo, há um número elevado de alunos brancos. A pele aparente na proposta de produção das fotografias, procura provocar esse olhar imediatista que olha primeiro a cor da pele e depois a pessoa como um todo. O trabalho proposto neste recurso é uma tentativa de provocar as questões raciais frente aos problemas de racismo enfrentados pela maioria dos moradores de periferia e das favelas. Como uma forma de levantar discussões, reflexões e criticidade na vida dos jovens para não se acostumarem com esses desafios. A solução pode ser dada a partir desses pequenos espaços articulados e esclarecidos sobre os problemas raciais vividos por eles diariamente.

A moradia digna é um dos itens de qualidades de vida necessário para todos seres humanos, para qualquer raça e etnia. Quando iniciei os trabalhos com os alunos, percebi que alguns não problematizavam as situações onde moram e o que precisam ter para viver melhor. Através da produção das imagens, das respostas dadas em conjunto, em que um dizia para o outro o que poderia dizer frente os problemas do bairro, ficaram mais à vontade para dialogar e falaram um pouco mais do que já sabiam sobre os problemas. A dinâmica de fazer as mesmas perguntas para cada um, veio das dificuldades que tiveram em verbalizar suas impressões. A ideia era fazer as perguntas uma vez e a seguir cada um responder em sequência.

Outro elemento que precisa ser destacado é que alguns alunos que não conseguiram produzir suas imagens fotográficas, ainda assim desejaram gravar e falar do lugar onde moram e em que fariam suas fotos. Achei interessante a vontade de participar e relatar suas experiências. Eles não fizeram as fotografias, mas participaram de outras etapas do projeto. Esse é o poder transformador da arte, nesse caso são as imagens que podem transformar e ajudar pensar em dinâmicas que agregam. Vi isso, quando alguns ouviam seus colegas falar sobre a violência nas ruas e outros pensavam um pouco e diziam que nas suas também. Parece que estavam tão acostumados que esqueciam que aquilo os incomodava. Não que não tivessem consciência, mas a partir das imagens fotográficas autorais, veio a conversa e a lembrança de que poderiam viver sem esses problemas nos seus lugares.

Posso avaliar que a evolução do trabalho ficou interessante e motivou discussões em formatos diferenciados. O formato pode ser modificado acrescentando ou retirando algumas etapas. Vai da realidade e necessidade de cada espaço trabalhado e também comunidade escolar e seu contexto geográfico. Não precisa seguir a mesma forma sempre. Pretendo aplicar novamente com outras turmas e aprimorar alguns pontos que observo serem melhores de outro jeito. Como por exemplo, em um bimestre com outros projetos, juntar algumas etapas para sobrar mais tempo para o debate e visualização das imagens; faria as perguntas de uma vez; treinaria um pouco mais com eles e poderia filmar seus rostos, já que será um trabalho da escola e seus responsáveis autorizam filmagens no ato da matrícula para fins escolares.

Contudo, em pouco tempo, esses jovens estarão no mercado de trabalho. Embora alguns já estejam em trabalhos informais como entregadores de água, lanches, gás e outros produtos. Além de comércios e outros campos de trabalho. Enquanto estudantes, precisam acompanhar e alargar o pensamento crítico para que mesmo antes de entrarem no mercado de trabalho, percebam quando serão abusados, explorados e destratados por suas condições de moradia e cor da pele. Podem inclusive, ajudar a esclarecer seus amigos, vizinhos e familiares em situações semelhantes.

Quando muitos dizem que precisam somente se profissionalizar, o que é muito bom, possam dizer também que querem continuar seus estudos e avançar em uma universidade se assim desejarem. No contexto do capitalismo e dos neoliberais, o caminho destinado aos jovens pobres de periferia, principalmente negros, é já traçado para trabalhar de modo precarizado, nas piores condições e com os menores salários. É necessário que essas gerações rompam com essas lógicas e criem perspectivas para deixarem de ter este caminho predestinado que os impede, até mesmo, de sonhar outras possibilidades.

A educação deve ter a escola como espaço de crescimento em conhecimentos e também preparar para a vida, com apoio do Estado, da família e da sociedade - tal qual prevê a Constituição Federal de 1988<sup>1</sup>. Nesse sentido, a escola precisa atender e se adequar nessa preparação. Diante disso, alguns fatos são positivos após o início da pesquisa, tais como: quando iniciei essa pesquisa, a minha escola não tinha sala de vídeo adequada e nem internet com qualidade. Ao final, posso comemorar um pequeno avanço: quase todas as salas receberam televisões modernas conectadas à internet. Mesmo que não seja uma internet de excelente qualidade, a conquista foi uma mudança de grande valor para os professores e alunos. O que facilita mais produções e intensificação do uso de imagens durante as aulas.

---

<sup>1</sup> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Portanto, ganha o corpo docente, discente e toda a comunidade com um espaço em que os alunos possam crescer enquanto indivíduos críticos na sociedade e não uma juventude “robotizada” e sem expressão diante dos desafios demandados principalmente pelos interesses do capitalismo. Acredito que cada desafio vencido na docência, pode levar a ter menos jovens nas mãos do tráfico, da prostituição e das mazelas que os impedem de uma vida digna e livres de abusos.

Todavia, os avanços acontecem, mesmo que lentamente. Nota-se esta evolução ao prestarmos atenção sobre o olhar do cotidiano apresentado pelos alunos nos debates, em que eles mostraram que não são vazios e nem sem sentido. Talvez em alguns momentos, não foram tão críticos diante do que os incomoda, mas conseguiram demonstrar do que não gostam e do que gostam de seu lugar. Mas, mesmo sem perceber, se organizaram nas respostas e um colega acabava auxiliando o outro quando diziam que no lugar estava tudo bem. A seguir, o colega lembrava sobre um ou outro problema que era esquecido por eles. Isso mostra que a organização dos jovens se dá de muitos jeitos e que precisam de espaços para falar e serem ouvidos.

A narrativa dos alunos ao dizerem quem é ou não morador da favela, não é tão simples de ser definida, conforme o questionamento do livro “O que é a favela, afinal?": “Acreditamos que uma definição de favela não deve ser constituída em torno do que ela não possui em relação ao modelo dominante de cidade [...]” (Silva, 2009, p.22). Nela se destacam elementos nada simples de se determinar o espaço como favela. A definição de favela é estereotipada nos dias atuais e muito acentuada por marcadores sociais e econômicos. Dessa forma, não é nada fácil determinar esses espaços nos dias atuais.

No entanto, na escola, quando presenciei alguns alunos serem chamados de favelados, com tom pejorativo, mesmo quando diziam que estavam brincando, muitas vezes, os estudantes diante dessa situação, se mostravam irritados e desapontados. Em certos momentos, senti como tabu pronunciar o termo “favelados” na escola, talvez por ser direcionado ao indivíduo e não de forma genérica como a favela. No senso comum usa-se a expressão “parece favelado!” ao se referir a pessoas que falam alto e gesticulam. Muitas vezes, o parecer favelado está associado ao racismo, porque leva em consideração a cor da pele da maioria dos moradores desses espaços, o que indica a representação dos “não brancos”.

Assim: “[...] a juventude é plural e que para compreendê-la é preciso considerar os contextos particulares e concretos em que ocorre” (Turra Neto, 2012, p.149). Os jovens dessa escola, não são diferentes dos jovens de outras escolas. Porém, cada um experimenta seus lugares de maneiras diferentes, ainda que passando por situações semelhantes. Os jovens que moram no mesmo bairro, mas do lado oposto dos que moram na chamada “favelinha”,

experimentam o bairro de formas diferentes. Os que moram fora da favela não vivenciam as mesmas situações e em contrapartida os que vivem na favela, têm suas próprias experiências do lugar. Por outro lado, ambos possuem precários meios de transportes, poucas áreas de lazer, entre outras situações vivenciadas pelos que moram no bairro.

Diante das experiências destacadas neste recurso educacional, não dá para dizer simplesmente que o aluno “não quer nada!”. Há hipóteses de que por trás daqueles jovens, possam existir inúmeras questões sociais, familiares e econômicas que podem nos fazer entender algumas atitudes inadequadas em sala de aula. Tal como comenta Turra Neto (2012), “a valorização do contexto conduz a uma valorização da dimensão espacial do fenômeno” (p.149). Com isso, estudos sobre jovens em seus espaços são realizados no país e que precisam ser conhecidos e difundidos, principalmente pelos educadores, para não reproduzirem falas armazenadas do cotidiano. Com isso, não quero dizer que nós professores não temos sensibilidade e não somos capazes de compreender tais fenômenos. Precisamos conhecer e compreender os estudos que estão sendo produzidos sobre as novas dinâmicas dos jovens na escola.

Sobre os estudos, ressalta o autor:

[...] o que tem conduzido os estudos a considerar uma série de questões espaciais, como: as relações global-local, na produção localizada de grupos de sociabilidade; a consideração do território em que se inserem e dos territórios que constituem na cidade, na coexistência com outros grupos juvenis e com grupos de outras idades; a circulação, os trajetos, os conflitos decorrentes da coexistência da diversidade num espaço contíguo, etc. (Turra Neto, 2012, p.149).

Nem tudo é irregular e precário nas favelas. “Em muitas situações a casa não é mais precária (foi reconstruída com materiais adequados, ampliada), mas não há infraestrutura de saneamento, acessibilidade etc. disponíveis naquela localização”. (Bueno, 2009, p. 49). O lugar onde vive boa parte dos alunos que participaram da pesquisa, tal como destaca Bueno, têm casas bem estruturadas. Contudo, nem todas as casas seguem os padrões convencionais, embora sejam de alvenaria. Uma das alunas que fotografou sua casa, após participar da gravação, me confidenciou se tinha algum problema a foto não ser de sua casa, mas da sua tia que fica no mesmo local. Acredito que sua casa seja uma das que foge aos padrões de beleza. Não perguntei o motivo por não ter feito a imagem de sua casa, deduzo que seja por considerá-la inadequada para aparecer, já que teve muito tempo para fotografar onde mora. Motivo que também pode

explicar várias fotos do céu, lembrando que também existe o motivo de morarem em áreas em que não podem fazer fotografias de qualquer lugar nas ruas, por questão de segurança.

Mesmo os alunos habitando o mesmo lugar, como dito anteriormente, dentro da “favelinha” uns moram em áreas consideradas “mais nobres” e outras “menos nobres”. Existe a área comercial, os que moram mais perto do acesso aos transportes, os que moram mais distante da escola. São muitas diversidades no mesmo espaço. Por isso, nem tudo pode ser nivelado pela mesma lógica e mesma experiência. Para tal:

[...] o caráter heterogêneo da favela, a visão homogeneizante ainda vigora, tanto entre setores da administração pública, quanto entre alguns estudiosos da cidade, porém é sobretudo no senso comum que essa visão prevalece (Leitão, 2009, p.44).

Os jovens reconhecem os problemas em seus lugares e desejam mudanças, embora não saibam muito o que fazer, possuem clareza que devem se organizar e que sozinhos não conseguem muito. Isso ficou claro nos debates que realizamos, quando falavam sobre os problemas do bairro, se importavam com eles, mas desejavam descobrir maneiras e apoio para enfrentá-los. Sobre o assunto, é importante lembrar o que as políticas públicas pensam e abordam sobre a favela a partir do que consideram: “a favela um espaço indiferenciado, não reconhecem, portanto, as redes existentes nas comunidades faveladas e, conseqüentemente, a perspectiva de participação organizada da população na resolução de seus problemas” (Leitão, 2009, p. 41).

O recurso educacional proposto não vai conseguir resolver todos os problemas raciais da escola, de moradias, violência, falta de lazer e outras dificuldades relatadas aqui. De qualquer forma, esse não é o objetivo. Contudo, fico muito feliz por saber que os jovens que no início da pesquisa pareciam desinteressados e desmotivados com a escola, mostraram que são capazes de perceber os problemas existentes, mas que não por isso, deixam de viver bem e de se identificar com o lugar onde moram. Mostraram ainda, que o que pensamos sobre deles, na maioria das vezes, não reflete quem eles são.

O movimento para conhecer os alunos pelas suas experiências no lugar onde vivem, me fez refletir que precisamos estar atentos ao significado de viver bem e melhor. Eles vivem o seu bairro. Quando eles disseram que aquele lugar os representa, é porque experimentam o lugar de dentro e quem está de fora, jamais saberá identificar esse sentimento. Mas, não que isso os impeça de saber o que é necessário em investimentos e o que eles não recebem de fato. Vivem como qualquer pessoa que experimenta seus lugares de diferentes maneiras e sabe dizer o que é bom ou não naquele espaço.

A maneira como eles experimentam a escola, está muito ligada a esse local. Quando levam conversas e situações do bairro para dentro da sala de aula, ao passo que interagem com as matérias, estão “conectados” com essas situações. É que muitas vezes, seguimos o modelo tradicional da educação, não percebemos que o que chamamos de indisciplina, pode ser uma forma de aprendizado. As escolas precisam quebrar um pouco com esses modelos porque em muitos momentos e situações, o professor deseja fazer diferente do que está estabelecido, mas a estrutura escolar não permite. Por isso, a formação continuada dos professores é fundamental na boa relação com os estudantes, conforme:

[...] Percebeu-se, pelas narrativas, que o mais importante na construção professoral está nas relações entre estudantes e professores, relações estas que são aprendidas com a vida e não com a universidade. Outro elemento primordial nesta análise pauta-se no fato de que a abordagem dos objetos do conhecimento de Geografia, que cada professor manifesta em seu cotidiano, está relacionada aos itinerários de vida, nos marcos históricos e sociais que cada um carrega em seus cursos (PORTUGAL; COSTELLA; MENEZES, 2024, P.16).

O resumo da minha participação na pesquisa surge como uma experiência marcante e de muitas construções! Acredito que eles saíram mais fortalecidos em conhecimentos, questionamentos e olhar mais crítico. Eu, além de ganhar em conhecimentos, fiquei mais ávida em continuar traçando caminhos na educação e seguindo novos rumos com a Geografia. Quando ouvia alunos dizer: “Hoje a aula vai ser diferente?” ou o título deste recurso- “Professora, vai ter filme hoje?” mesmo após sucessivas aulas com filmes, desenhos, uso de computador e outros recursos, sentia-me cobrada em me aproximar deles com a geografia escolar. No entanto, era um sentimento de angústia, não sabia mais o que fazer. Após o início das pesquisas, posso entender melhor o sentido das aulas diferentes e uma das coisas que mais funciona é primeiro conversar sobre qualquer coisa com eles, pois geralmente eles puxam a conversa. A seguir, sugerem filmes que falam do assunto e inclusive, sugerem tipos de atividades que podemos fazer entrelaçando com os assuntos das aulas. Já os ouvia, mas aprofundei no chegar até eles e ouvi-los mais para além do currículo pré-estabelecido. Com a possibilidade de conseguir construir o currículo de acordo com o contexto geográfico do seu lugar. Assim, a escolha metodológica seguida me permitiu avançar, mesmo sabendo que há muito a percorrer pela frente.

## ATIVIDADES EXTRAS: PISTAS INSPIRADORAS PARA O RECURSO EDUCACIONAL

Trago algumas atividades realizadas como campo de possibilidades junto aos discentes na elaboração do “recurso educacional” para o Mestrado Profissional. Foram três atividades executadas com os alunos que serviram como pistas para as ações posteriores, ou seja, foram inspiração e deram base na elaboração do trabalho final. A importância de incluí-las neste recurso educacional é para mostrar que a docência se faz pela tentativa e erro; no entanto, é preciso arriscar outras formas e este é o processo de pesquisa, pois somos professores e também contribuimos com a ciência!

A primeira foi a elaboração de desenhos que tratassem da questão racial, envolvendo a superação de pessoas negras em uma sociedade racista. A segunda foi a construção de maquetes de favelas em comemoração ao dia da favela (04 de novembro), mas que pudessem destacar os aspectos positivos dessas moradias e a terceira, foi analisar a letra da música “Meu Lugar” Arlindo Cruz/ Mauro Diniz (2012) com a realização de desenhos e um debate.

### **Primeira atividade:**

Desenhos de alguns alunos sobre suas visões da questão racial na escola.

### **Objetivo:**

Perceber como vivenciam e expressam os inúmeros atos de preconceitos na escola através de imagens e as possíveis ações para o enfrentamento do problema e possíveis soluções futuras.

### **Modo de realização:**

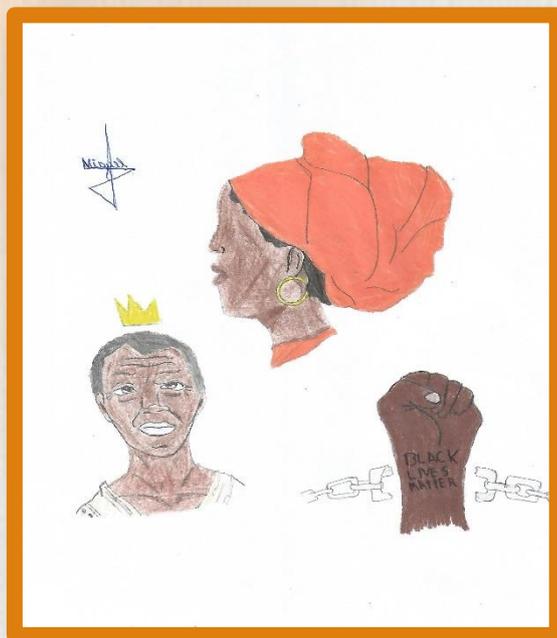
Realizada com alunos do ensino médio que a partir da conversa com alguns deles que gostam de desenhar. Assim, fiz o convite para participarem da atividade. Os que aceitaram, fizeram um ou mais desenhos envolvendo as questões raciais no espaço escolar. Portanto, preferi não interferir muito na construção dos trabalhos para que se sentissem à vontade na construção do projeto.

### **Materiais necessários:**

folha de papel sem pauta, lápis, lápis de cor e canetinhas.

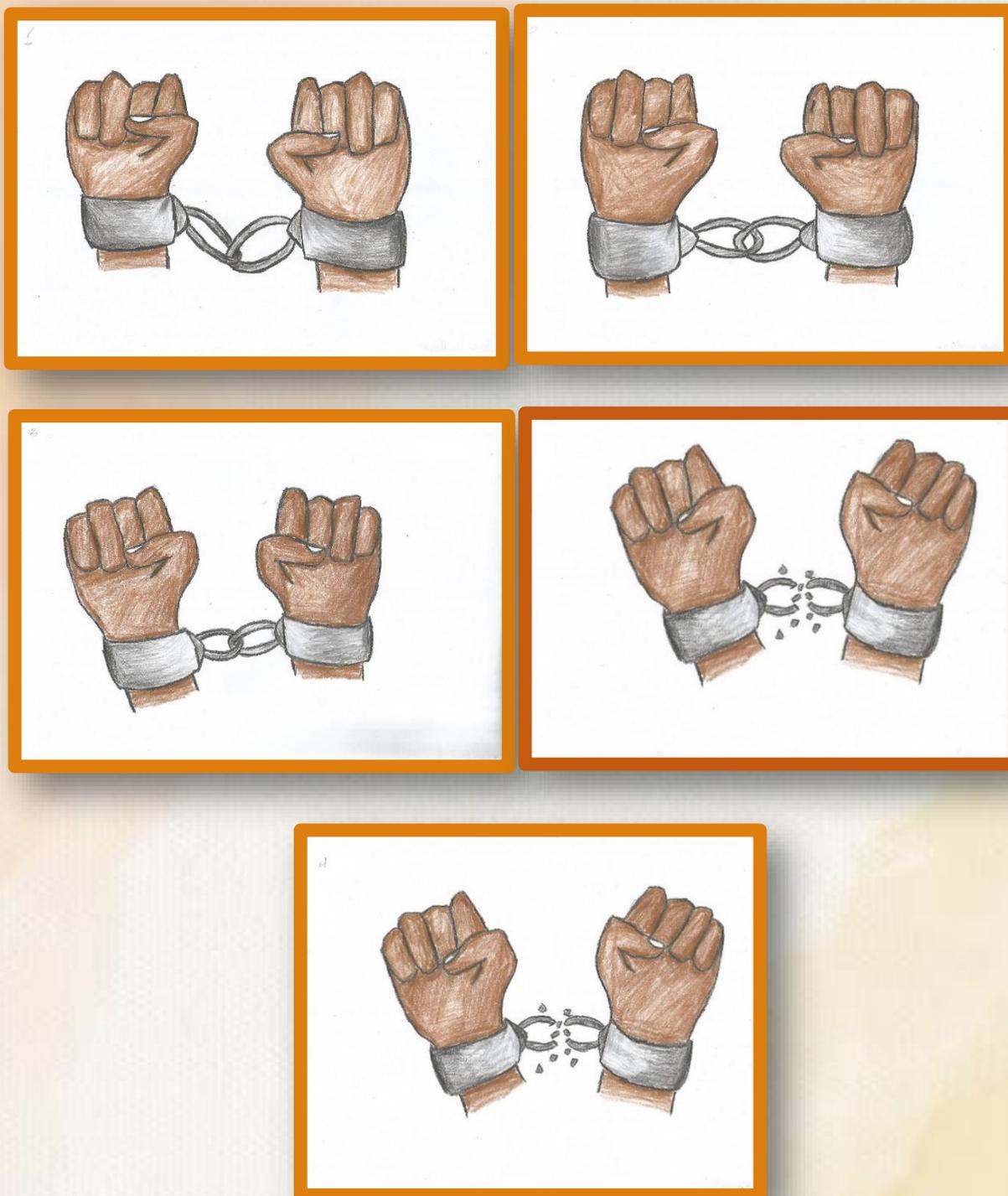
# ALGUMAS IMAGENS RECEBIDAS DOS ALUNOS:

Figura 26: Aluno “A”



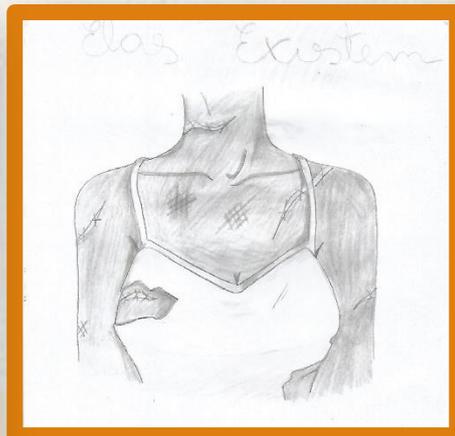
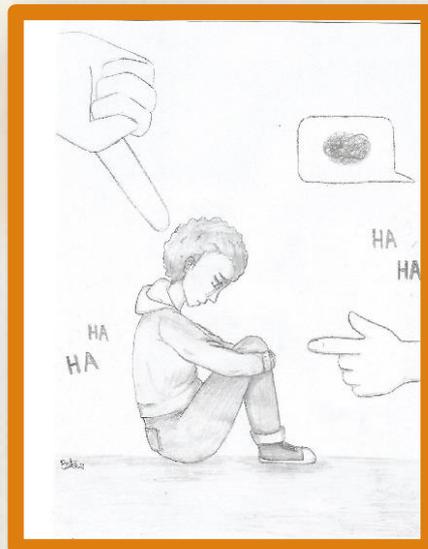
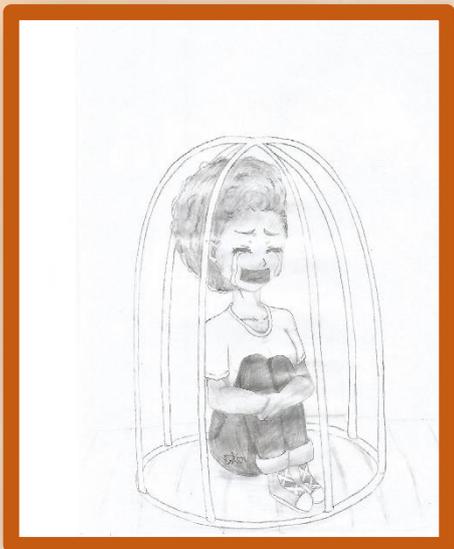
Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

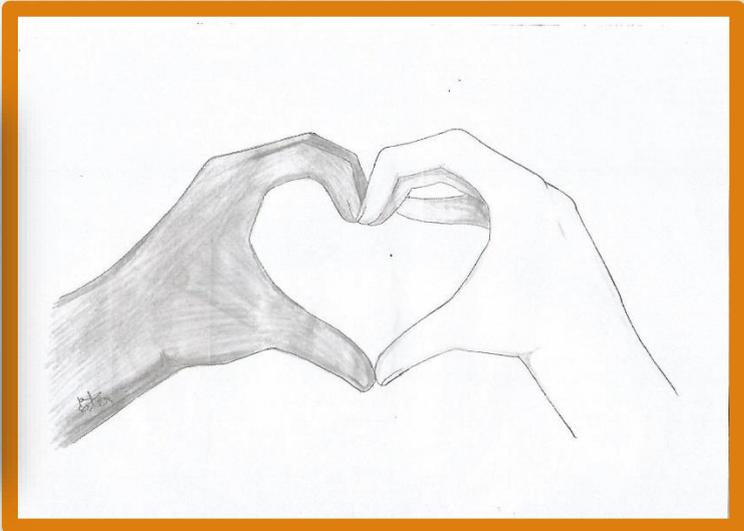
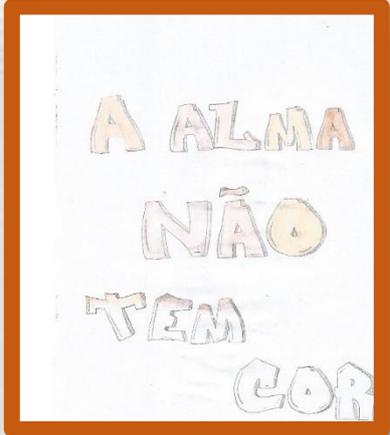
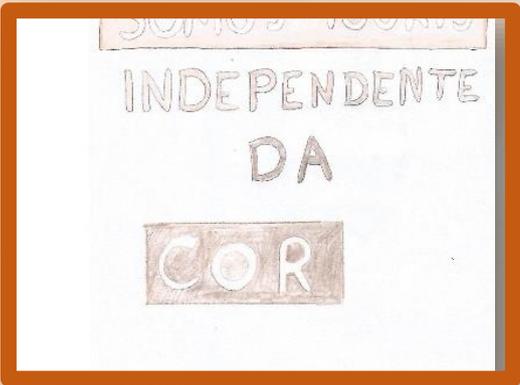
Figura 27: Aluno "B"



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 28: Aluno "C"





Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 29: Aluno "D"



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

## ANÁLISE DOCENTE:

A primeira atividade foi pensada na possibilidade do aluno ilustrar a questão racial na escola, no entanto, fizeram trabalhos voltados quase totalmente sobre a opressão do negro. Enquanto que a sugestão inicial tinha sido para mostrarem os desafios e a superação do povo negro no mercado de trabalho e em muitos setores da vida. É importante destacar que no período da realização do trabalho, a escola vivia muitos conflitos por conta da discriminação racial praticada contra os alunos negros pelos colegas da instituição. Contudo, as imagens permitiram experimentações que lançaram pistas na investigação do trabalho e não foram objeto de análise final para este recurso educacional, pois senti a necessidade de avançar e buscar maneiras em como o ensino da Geografia poderia contribuir na questão.

A atividade foi desenvolvida por quatro alunos que prontamente aceitaram participar. Quando pedi para desenharem, expliquei o objetivo do trabalho e o que poderia ser feito. Falei dos recorrentes casos de preconceitos que aconteciam na escola e como eles perceberam esses casos. Após a percepção, quais enfrentamentos poderiam ser adotados para amenizar os problemas. Sabendo que eliminar é algo mais demorado e requer muitas outras ações que não cabem apenas ao ambiente escolar.

Como sugestão do trabalho, algumas atividades podem ser realizadas: a) é possível fazer uma exposição das imagens dos trabalhos e apresentar aos alunos, tanto para as turmas que participaram das atividades e de outras turmas que não tenham participado; b) promover um debate geral e pedir para alguns alunos responderem questões sobre o racismo na escola e fora dela e o que eles acham necessário para o fim de atos racistas dentro e fora da escola; c) elaborar questionário com poucas perguntas e sem identificação; ao final, podem apresentar o resultado em forma de gráficos.

Contudo, o alerta, os questionamentos e as reflexões foram importantes e contribuíram ao menos no debate crítico e engajado de alunos negros e brancos no ambiente escolar. Porém, apesar disso, após os esclarecimentos, fizeram os desenhos do jeito que desejaram, sem minha interferência. Assim, dos quatro alunos que desenharam, só um conseguiu superar a mensagem da dor sofrida pelos negros. Dois mostraram o período da escravidão e a liberdade conquistada. Porém, esta avaliação docente me indicou como pista um desafio, porque não conseguiram avançar em soluções futuras, engajamentos e presença negra em outros espaços. Um dos

desenhos trabalhou a pobreza como ponto central, mas não ultrapassou a linha do sofrimento, nele as pessoas continuavam com suas tristezas e mostrou uma certa conformação do pobre olhar o rico e somente se lamentar ou aceitar sua condição. A imagem apresenta o problema, mas não encaminha nenhuma ideia de solução.

Portanto, diante deste desafio, criei algumas expectativas nos trabalhos dos alunos que foram atendidas em parte. Quando me entregaram as imagens debatemos sobre o que fizeram e quais foram suas motivações na construção das imagens. Durante o debate, alguns alunos só sabiam falar sobre os negros escravizados, não conseguiram transpor esse período e problematizar os casos de racismos na escola. Após o debate, percebi que já conseguiam dar alguns exemplos de pessoas negras bem sucedidas nos esportes, no meio artístico, nas universidades, no cotidiano deles, dos professores, dentre outros.

Ao final dos trabalhos, pude avaliar que o projeto foi relevante para eles e para mim. Me disseram que aprenderam muito. Então, avalio que ampliaram suas leituras de mundo e perceberam situações antes “normais” para eles sobre o racismo e o preconceito. Eu aprendi com eles que é possível desenvolver atividades simples e obter excelentes resultados do jeito que conseguimos fazer na escola pública. Diante de tantos desafios, infelizmente não temos tempo para esperar grandes estruturas, precisamos cobrar que elas sejam implementadas, pois, seria mais fácil trabalhar e avançar nos resultados. No entanto, não precisei de estruturas mirabolantes para iniciar o trabalho, somente papel, lápis de cor e alguns alunos dispostos ao projeto. E os alunos que não sabiam desenhar ou não gostam de desenhar, não foram excluídos, participaram do debate em sala e até opinaram sobre as imagens. Assim, também foram alcançados pelos objetivos do trabalho inicial.

## **Segunda atividade:**

Construção de maquetes de favelas

### **Objetivo:**

Observar os aspectos de sociabilidade dos habitantes nas moradias de favelas através da construção de maquetes em homenagem ao dia da favela (04 e 05 de novembro de 2023), com o objetivo de fazê-los observar os aspectos positivos nessas moradias pelas muitas pessoas “de bem” que nelas vivem.

### **Modo de realização:**

Atividade foi realizada com alunos do ensino médio, mas pode ser adaptada ao ensino fundamental. A construção de maquetes que representam moradias de uma forma descontraída e leve. O processo de construção é manual e em conjunto, o que possibilita uma dinâmica coletiva e participativa.

### **Materiais necessários:**

Papelão, cola, barbante, tesouras, tintas, papéis coloridos, lápis de cor e canetinhas.

### **Reflexão docente:**

Ao longo dos anos trabalhando a temática da favelização do Rio de Janeiro e do Brasil, desde o início dos trabalhos com a temática, travava inúmeras “batalhas” para que não aparecessem somente os estigmas das violências que automaticamente se remetiam ao crime organizado, assassinatos, sujeiras e etc. Simplesmente menosprezando os moradores dessas localidades, o que se relaciona ao racismo estrutural nessa sociedade. Em 2022, iniciei o Projeto “Festa da favela” em comemoração ao dia 04 de novembro como dia de luta e reconhecimento dessas localidades. A ideia foi trabalhar a desconstrução de pensamentos preconceituosos, por isso, nessa festa não se falava das tristezas, somente das alegrias. No entanto, sabíamos dos muitos desafios sociais, políticos e econômicos desses locais. Porém, não desejava que fossem reduzidos pelos poucos investimentos em políticas públicas apenas. Foi importante mostrar suas potencialidades, belezas e lutas.

## IMAGENS DAS MAQUETES CONSTRUÍDAS:

Figura 30: Maquete do aluno “A”



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 31: Maquete do aluno “B”



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 32: Maquete do aluno “C”



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

Figura 33: Maquete do aluno “D”



Fonte: arquivo Mariangela de Azevedo

### **Terceira atividade:**

Audição da música com letra de cunho racial e moradia que foi o samba: Meu Lugar de Arlindo Cruz/Mauro Diniz (2012).

### **Objetivo:**

Perceber como as questões racial e de moradia aparecem na letra e as diversas maneiras como essas questões se problematizam no bairro onde moram os alunos.

### **Modo de realização:**

Após ouvi-la por algumas vezes, debatemos de forma crítica o que expõe a letra e comparamos com seus lugares, trocamos Madureira pelo lugar onde moram e as realidades vividas por eles. A seguir, pedi que ilustrassem o que perceberam a partir da letra em seus cadernos. Desejava-se que após a música, pudessem realizar imagens, debates, ou até criação de um documentário que pudesse demonstrar seus sentimentos e entendimentos sobre o tema de forma crítica. O documentário não foi alcançado por conta do tempo que tínhamos para a produção.

Esta atividade pode ser realizada com alunos do ensino fundamental ou médio. Deixar que ouçam uma música qualquer escolhida para a análise. Ouvir quantas vezes os alunos sentirem necessidade para seu entendimento. Percebendo que a maioria já possui condições de iniciar o trabalho, distribuir folhas para que possam ilustrar suas percepções, abrir rodas de conversas ou se programar outras atividades no desenvolvimento do trabalho.

### **Materiais necessários:**

Aparelho para projetar o som, folha de papel sem pauta, lápis de cor e canetinhas e outros materiais de acordo com o que será realizado.

## MÚSICA: O MEU LUGAR

### Arlindo Cruz / Mauro Diniz (2012)

*O meu lugar*

*É caminho de Ogum e Iansã*

*Lá tem samba até de manhã*

*Uma ginga em cada lugar*

*O meu lugar*

*É cercado de luta e suor*

*Esperança de um mundo melhor*

*E cerveja pra comemorar*

*O meu lugar*

*Tem seus mitos e Seres de Luz*

*É bem perto de Osvaldo Cruz,*

*Cascadura, Vaz Lobo e Irajá*

*O meu lugar*

*É sorriso é paz e prazer*

*O seu nome é doce dizer*

*Madureiraaa, lá lá, laiá,*

*Madureiraaa, lá lá laiá*

*Ahhh que lugar*

*A saudade me faz lembrar*

*Os amores que eu tive por lá*

*É difícil esquecer*

*Doce lugar*

*Que é eterno no meu coração*

*E aos poetas traz inspiração*

*Pra cantar e escrever*

*Ai meu lugar*

*Quem não viu Tia Eulália dançar*

*Vó Maria o terreiro benzer*

*E ainda tem jongo à luz do luar*

*Ai que lugar*

*Tem mil coisas pra gente dizer*

*O difícil é saber terminar*

*Madureiraaa, lálá, laiá,*

*Madureiraaa, lá lá laiá*

*Em cada esquina um pagode num bar*

*Em Madureiraaa*

*Império e Portela também são de lá*

*Em Madureiraaa*

*E no Mercadoão você pode comprar*

*Por uma pechincha você vai levar*

*Um denço, um sonho pra quem quer sonhar*

*Em Madureiraaa*

*E quem se habilita até pode chegar*

*Tem jogo de ronda, caipira e bilhar*

*Buraco, sueca pro tempo passar*

*Em Madureiraaa*

*E uma fezinha até posso fazer*

*No grupo, dezena, centena e milhar*

*E nos 7 lados eu vou te cercar*

*Em Madureiraaa*

*E IaIaIaIaIa Iaia Ia Ia ia...*

*Em Madureiraaa*

## REFERÊNCIAS

BAUERMAN, Karoline da S.; FANTÍNEL, Cassio Silva; Gastrogiovanni, Antônio Carlos (Org.). Oficina 02: **Cultura Afro-Brasileira**. Caderno Pedagógico de Geografia – Ensinar Geografia e aprender com o ensino. Porto Alegre: PIBID – UFRGS, 2013. 59p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. 140 p. . Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 02 jun. 2023.

BUENO, Laura Machado de Mello; SILVA, Jailson de Souza et al. (Orgs.). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas de Rio de Janeiro, 2009.

LEITÃO, Gerônimo; SILVA, Jailson de Souza et al. (Orgs.). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas de Rio de Janeiro, 2009.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra e ideologia do recalque**. 3ª ed. – SALVADOR: EDUFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2010.

MIGLIORIN, César; et. al.. **Cores e Texturas**. Cadernos do inventar cinema, educação e direitos humanos - Universidade Federal Fluminense e Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Niterói – Rio de Janeiro: Inventar com a diferença, 2016. 80f.

MIGLIORIN, César. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015. 224 p.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. de. **Fotografias, Geografias e Escola**. Revista Signos Geográficos, [S. l.], v. 1, p. 15, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/60573>. Acesso em: 25 out. 2024.

PORTUGAL; COSTELLA; MENEZES. **Traduzir e ressignificar a vida em espaços – Tempos da formação docente: narrativas de professores de Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 14, n. 24, p. 05-33, jan./dez., 2024.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar** – 1ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem** - 5ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Jailson de Souza et al. (Orgs.). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas de Rio de Janeiro, 2009.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis: Territórios e Rede de Sociabilidade**. Jundiaí, Paco EDITORIAL: 2012.